

ANARCOSSINDICALISMO
B Á S I C O



CNT-AIT
SEVILHA

Este folheto foi preparado para os companheiros e as companheiras que chegam, para as pessoas que não nos conhecem e que mais de uma vez se perguntam o que podem fazer. Pretende dar-lhes uns esclarecimentos básicos sobre o que é o anarcossindicalismo espanhol em seu grau de desenvolvimento atual, como funciona, como luta, como se estrutura, que fins persegue e, por fim, por que seguimos obstinando como nossa gente do século passado agora que nos dizem que vivemos o melhor dos mundos possíveis. @s que querem um trabalho mais erudito, têm à sua disposição extensa bibliografia. Tentamos fazê-lo em uma linguagem plana, amena e simples, para que qualquer pessoa a entenda.

Queremos mostrar que o anarcossindicalismo não é algo enfadonho, do passado, mas sim uma forma viva e dinâmica de ação, profundamente original e inovadora em seus planejamentos. Sua proposta é a não institucionalização e o funcionamento à margem do Estado-capital. Sua alternativa, a transformação da sociedade. Este é um livro sobre anarcossindicalismo básico, não um manual de estilo, nem um conjunto de normas imóveis. Queremos falar-lhes de criatividade, de amor, de alegria, de liberdade, de tolerância... não de regulamentos. Cada situação requer uma atividade alerta e nova para ser superada. Somente @s oferecemos o resumo de um século e um quarto de experiência antiautoritária, de luta contra o poder, de ilusão transformadora.

Esperamos que pessoas de todo tipo tenham em consideração nossas propostas. O velho, o ruim, o arcaico representam o capital e o Estado. O mundo novo está na anarcossindical.



A T E N E U

Diego Giménez

ANARCOSSINDICALISMO BÁSICO

CNT-AIT Sevilla

Ateneu Diego Giménez
2010



Edição original:
Anarcosindicalismo Básico
Organizado pela Federación Local de Sevilla
CNT-AIT
Sevilha, 1994

Tradução e diagramação:
Ateneu Diego Giménez
COB-AIT
Piracicaba, 2010

<http://ateneudiegogimenez.wordpress.com>
<http://cob-ait.net>
<http://www.iwa-ait.org>



ÍNDICE

Duas palavras prévias	1
Assim começou tudo	2
Introdução	5
I. O que é o anarcossindicalismo?	6
Em que se diferencia de outros sindicatos e movimentos sociais?	
II. A estrutura básica do anarcossindicalismo: o sindicato de ramo	7
O Sindicato Único de Ramo é a estrutura básica da anarcossindical	
Como funciona o Sindicato Único de Ramo?	
Funções dos anarcossindicatos	
Constituição de um sindicato de ramo	
Meios humanos e técnicos	
As assessorias jurídicas da CNT	
O que é o comitê do sindicato?	
III. Funcionamento da CNT nas empresas: a Seção Sindical	13
As eleições sindicais	
Atividade cotidiana da anarcosseção	
Relação da seção com o anarcossindicato	
Empresas e setores nos quais não existem comitês de empresa	
IV. Relação de seu sindicato com outros sindicatos da CNT	22
A Federação Local	
Como se nomeia o comitê local?	
Mecanismos de relação e coordenação entre federações locais: a Confederação Regional	
Relações entre as diferentes confederações regionais: a Confederação Nacional	
Por que a eleição de comitês se realiza desta maneira?	
Como os sindicatos da CNT decidem entre eles?	
Como se coordenam as diferentes anarcossindicais do mundo?	
A gestão e a administração dos diferentes comitês: as plenárias e as limitações dos cargos na CNT	
As Conferências	
A Federação de Indústria	
A imprensa confederal	
A Fundação Anselmo Lorenzo	
A afiliação	
V. Os princípios do anarcossindicalismo	30
As táticas do anarcossindicalismo	
A Ação Direta	
A finalidade da anarcossindical	

VI. As votações na anarcossindical	34
As armas do inimigo	
Nosso arsenal	
VII. As plataformas básicas	38
1. Os aumentos lineares dos salários	
2. O boicote às horas extras e às tarefas	
3. Os boicotes à polivalência, à desafetação, à disponibilidade, à mobilidade...	
4. Jornada laboral, férias, aposentadoria e aspectos relacionados com o tempo de trabalho	
5. Direitos sindicais básicos	
6. O desemprego	
VIII. As reivindicações sociais	43
1. A mulher	
2. As prisões	
3. A ecologia	
4. O antimilitarismo	
5. A homossexualidade	
6. Os nacionalismos	
7. A religião	
8. O esperanto	
9. Outros temas sem acordos vinculantes aos quais existe simpatia	
IX. O anarquismo e o anarcossindicalismo	52
X. O panfleto	53

DUAS PALAVRAS PRÉVIAS

Para todo movimento que seja portador de uma intencionalidade teórico-prática de transformação social, se faz necessário aquilo que recebe entre nós a denominação de caderneta de formação militante. Esta necessidade de compendiar de forma breve e simples o conteúdo de discursos mais largos e complexos está provada pelo menos desde as “Cartas” de Epicuro.

É a necessidade de alcançar com a palavra aqueles que, sem estar muito longe de nós estão, todavia, fora do alcance físico de nossa voz, e aos que, por ele, não podemos catequizar, no sentido etimológico do termo. Ou seja, não lhes podemos agitar, fazendo-lhes retumbar em seus ouvidos a força de nossos argumentos.

O sublinhar a necessidade desta tarefa não deve obscurecer a dificuldade e os perigos que isso pode entranhar. Se o próprio @ libertário@ é denunciar todas as travas alienantes externas e internalizadas e tratar de eliminá-las na mente e na realidade, está mais do que claro que qualquer proposta formativa de caráter libertário deve contar desde o início com estes pressupostos para não incorrer em uma dinâmica de “proselitismo a qualquer preço” na qual, segundo a já velha denúncia evangélica, a má condição do evangelizante piora ainda mais a condição @ evangelizad@.

Em toda proposta de formação libertária deve haver ao menos três condições essenciais, a saber:

- O dado teórico;
- A contrastação com a realidade;
- A chamada à participação crítica ativa daqueles que é o destinatário da proposta formativa.

Sem o respeito a estas três condições mínimas, o feito formativo corre o risco de converter-se em uma estéril multiplicação do tópico. A proposta formativa não deve ser, pois, um catecismo, mas tampouco deve dar a impressão de ser um campo acessível a qualquer voluntarismo, e sim, pelo contrário, ser um atrativo na linha do discurso e um incentivo para o despertar contínuo da razão comum.

Neste presente livro, são passados dados que iluminam a esperança de um feito formativo produtivo, no sentido comentado. Pode ter de catecismo o que pretende ter de anticcatecismo, se desenvolve na oferta permanente de teoria e ação, valoriza todos os aspectos de globalidade social congruentes com o caráter revolucionário do anarcossindicalismo, se move no campo da cotidianidade e maneja a linguagem do dia a dia. Finalmente, evita o pedantismo e o enfatismo, assume o tom de descontração e de uma saudável desmistificação.

José Luis Garcia Rúa

ASSIM COMEÇOU TUDO

Me encontrava em um domingo à noite com meu amigo Manuel Cano no café La Luna, e Morago se apresentou a nós dizendo:

- Venho buscá-los.
- O que aconteceu?
- Têm notícias da Internacional?

Cano disse que não. Eu sim havia lido algo e tinha vagas notícias desta associação.

- Pois – continuou Morago – trata-se de organizar os trabalhadores do mundo para destruir a exploração capitalista.

Cano e eu, ainda jovens e dispostos a admitir facilmente o que se apresentasse com caracteres de nobreza e grandiosidade, atrasamos a contestação favorável. Quando Morago se achava possuído pelo entusiasmo e o contrariavam ele sentia uma cólera sublime, e era uma pena que tanta eloquência se desperdiçasse na persuasão de dois convencidos.

- Trata-se de assistir a uma reunião em que, junto com outros amigos, seremos apresentados a Fanelli, deputado italiano e delegado da Aliança da Democracia Socialista, que tem a missão de deixar constituído um núcleo da seção espanhola da AIT.

No dia seguinte todos os citados comparecemos no local de encontro menos Morago, que devia nos apresentar, e esta falta, motivada pelo fato de ter se deitado para dormir algumas horas antes e não ter se levantado na hora correta, como disse um dos presentes que vinha de sua casa, é um traço característico dos muitos que o seu modo de ser oferecia. Isto não foi obstáculo para que a reunião se celebrasse.

Na casa de Rubau Donadeu nos reunimos então com Fanelli.

Este era um homem perto dos quarenta anos, alto, de rosto sério e amável, barba negra e abundante, olhos grandes, negros e expressivos, segundo os sentimentos que o dominavam. Sua voz tinha um timbre metálico e era suscetível a todas as inflexões apropriadas ao que expressava, passando rapidamente do tom da cólera e da ameaça contra os exploradores e os tiranos, para adotar o sofrimento, a lástima e o consolo, quando falava das penúrias do explorado, do que sem sofrê-las diretamente as compreende ou do que por um sentimento altruísta se compadece em apresentar um ideal ultrarrevolucionário de paz e fraternidade.

O incomum do caso é que não sabia falar espanhol, e falando francês, que entendíamos medianamente, ou em italiano que só compreendíamos um pouco por analogia, mais ou menos, não só nos identificávamos com seus pensamentos, mas graças à sua mímica expressiva chegamos a nos sentir possuídos do maior entusiasmo. Tinha que vê-lo e ouvi-lo descrevendo o estado do trabalhador privado dos meios de subsistência, por falta de trabalho por causa do excesso de produção! Depois de expor com riqueza de detalhes o desespero da miséria, com traços que me recordavam o trágico Rosi, dizia “Coisa horrível!”, “Absurdo!”, e sentíamos calafrios e estremecimentos de horror...

Fanelli nos deu três ou quatro sessões de propaganda e, antes de se despedir de nós, quis que nos fotografássemos em grupo, o que assim se fez, reunindo-nos todos no

dia combinado, menos Morago, que novamente teve sono e não pôde recobrar a vontade de acordar, apesar de todos termos ido à sua casa e o próprio Fanelli tê-lo convidado a nos acompanhar, por isso no grupo fotográfico não há seu retrato e sim somente seu nome.

(Anselmo Lorenzo: O proletariado militante. 1868)

Advertência

Este livro está em linguagem não sexista, com exceção das citações. Pode haver gente que não goste, mas a nós não nos dá trabalho fazê-lo assim. As terminações em “os” que se refiram a homens e mulheres mudam para “@s”. Exemplo – amigos e amigas fica *amig@s*. As terminações em “es” mudam para “xs”. Exemplo – trabalhadores e trabalhadoras muda para *trabalhadorxs*. Não ponha as mãos na cabeça porque se acostuma rapidamente a ler assim. Tudo para chamar a atenção para a igualdade. Diversxs linguistas nos contam que o que fazemos é uma aberração ortográfica. Como você verá, com todos os problemas da vida, o das aberrações não nos preocupa em nada.

INTRODUÇÃO

Se passou muito tempo desde 1868. Os discursos de Fanelli não impressionariam hoje a ninguém, acostumados como estamos a filmes de efeitos especiais. Os tempos e as formas mudaram, ainda que a essência da exploração seja a mesma.

Hoje, assim como ontem, seguimos resistindo, seguimos destruindo o Estado e o capital, e nos preparamos para provocar a chegada de tempos melhores. As profundas injustiças e crimes do capitalismo, que condena a maioria da humanidade a uma vida insalubre, desnutrida, enferma, explorada... não lhe preveem fim melhor que o que têm tido as ditaduras das oligarquias chamadas comunistas.

Este folheto foi preparado para os companheiros e as companheiras que chegam, para as pessoas que não nos conhecem e que mais de uma vez se perguntam o que podem fazer. Pretende dar-lhes uns esclarecimentos básicos sobre o que é o anarcossindicalismo espanhol em seu grau de desenvolvimento atual, como funciona, como luta, como se estrutura, que fins persegue e, por fim, por que seguimos obstinando como nossa gente do século passado agora que nos dizem que vivemos o melhor dos mundos possíveis. @s que querem um trabalho mais erudito, têm à sua disposição extensa bibliografia. Tentamos fazê-lo em uma linguagem plana, amena e simples, para que qualquer pessoa a entenda.

Queremos mostrar que o anarcossindicalismo não é algo enfadonho, do passado, mas sim uma forma viva e dinâmica de ação, profundamente original e inovadora em seus planejamentos. Sua proposta é a não institucionalização e o funcionamento à margem do Estado-capital. Sua alternativa, a transformação da sociedade. Este é um livro sobre anarcossindicalismo básico, não um manual de estilo, nem um conjunto de normas imóveis. Queremos falar-lhes de criatividade, de amor, de alegria, de liberdade, de tolerância... não de regulamentos. Cada situação requer uma atividade alerta e nova para ser superada. Somente @s oferecemos o resumo de um século e um quarto de experiência antiautoritária, de luta contra o poder, de ilusão transformadora.

Esperamos que pessoas de todo tipo tenham em consideração nossas propostas. O velho, o ruim, o arcaico representam o capital e o Estado. O mundo novo está na anarcossindical.*

SEVILHA, 1994

*Anarcossindical, anarcossindicato: diz-se da organização anarcossindicalista, a Confederación Nacional del Trabajo (CNT).

I. O QUE É O ANARCOSSINDICALISMO?

O anarcossindicalismo é uma corrente de pensamento que aparece no final do século XIX e no princípio deste. Tem como características fundamentais:

- A intenção de agrupar o mundo do trabalho para a defesa de seus interesses imediatos e obter melhoras em sua qualidade de vida. Para isso forma sindicatos;
- A criação de uma estrutura na qual não há dirigentes nem poder executivo;
- O desejo de transformação radical da sociedade, transformação à qual se chega por meio da revolução social. Sem finalidade transformadora não existe o anarcossindicalismo.

Outro nome que o anarcossindicalismo recebe é sindicalismo revolucionário.

Em que se diferencia de outros sindicatos e movimentos sociais?

O anarcossindicalismo tem a convicção de que as causas da desigualdade social e a injustiça se baseiam na no poder, no princípio da autoridade, que faz com que uma minoria mande, disponham da riqueza que gera a sociedade e mantenha seus privilégios por meio da violência, e a maioria obedeça, não tenha mais que o que precisa para sobreviver e sofra a violência deste grupo majoritário.

Consequentemente, o anarcossindicalismo, para eliminar a injustiça, se opõe ao princípio da autoridade, à decisão das elites e à representação máxima do poder, o Estado.

Frente à Organização hierárquica e autoritária do Estado-capital e de seu aparato repressivo, o anarcossindicalismo opõe a sua Não-Organização. Esta supõe um processo no qual as decisões são tomadas a partir da base, em que as pessoas participam, em que não há liderança (ou ela está muito limitada), não há repressão e existe plena liberdade e igualdade na troca de ideias, opiniões e iniciativas. O anarcossindicalismo procura se parecer o menos possível com o Estado-capital. É portanto a maior antiorganização em comparação com o modelo organizativo existente hoje: o autoritário.

Seja pela espada, pela recompensa ou pela religião, muitas foram as chefias que sentiram a chamada, mas poucas as que lograram a transição ao Estado. Antes de obedecer as ordens de trabalhar e pagar tributos, as pessoas comuns tentavam fugir para terras de ninguém ou territórios inexplorados. Outros resistiam e tentavam lutar contra a milícia. A maioria das chefias que tentaram impor quotas agrárias, impostos, prestações de trabalho pessoal e outras formas de redistribuição coercivas sobre uma classe plebeia voltaram para formas mais igualitárias ou foram totalmente destruídas. Por que umas triunfaram enquanto outras fracassaram? Os primeiros Estados evoluíram a partir de chefias, mas nem todas as chefias puderam evoluir até se converterem em Estados. Para que pudesse se dar a transição teriam que ocorrer duas condições: a população não só teria que ser numerosa (de 10 000 a 30 000 pessoas), mas também teria que estar

circunscrita, ou seja, estar confrontada com uma falta de terras para as quais as pessoas que não queriam suportar recrutamentos, impostos e ordens pudessem fugir. (Marvin Harris: Chefes, Cabeças e Abusadores)

II. A ESTRUTURA BÁSICA DO ANARCOSSINDICALISMO: O SINDICATO DE RAMO

Esta pode parecer a parte mais tediosa do texto, e é a que se refere a como funciona a anarcossindical. Lhe pedimos paciência. A estrutura e forma de tomada de decisões do anarcossindicalismo é original, ninguém mais a usa e foi pensada de modo a limitar ao máximo a aparição de burocracias e lideranças. Se você aprender como funciona a CNT, ninguém poderá nunca te manipular nem te dirigir dentro dela.

A CNT é um sindicato. Uma confederação de sindicatos de ramo. Um sindicato de ramo é uma agrupação de pessoas que trabalham no mesmo ramo de produção e que defendem seus interesses. Os sindicatos da CNT são sindicatos de ramo em oposição aos chamados sindicatos de profissão.

Sindicatos de profissão seriam, por exemplo, o sindicato de auxiliares de enfermagem (SPAX), o de ajudantes técnicos sanitários (SATSE), o de médicos (CEM)... Ao invés disso, a CNT no ramo de saúde formaria o Sindicato de Saúde, sem distinção de categorias profissionais. Esta estrutura se adotou no congresso de Sans de 1918. E se chegou a ela porque ela foi vista como a mais prática nos enfrentamentos com o capital.

No terreno tático, no final de 1917 foi apresentada a nós uma greve de talharineiros e ebanistas (sindicatos de profissão) que se estendeu até 1918. A burguesia de ambos os ramos (alimentação e madeira) decide-se a não ceder em nada, e os trabalhadores, a ganhar em tudo. O governador do momento quer mediar e fracassa. E se passam 10 semanas. Os patrões começam a perder a tranquilidade, aceitam a mediação do governador e a nomeação de uma comissão mista para chegar a um acordo. Mas os talharineiros se negam a qualquer trato. Desejam triunfar pela ação direta, cara a cara com os burgueses, e dizem que a autoridade é ali um elemento estranho que está sobrando. E o governador ferve de raiva; detém um bando de grevistas. O que por sua vez provoca uma terrível onda de sabotagens. Os caminhões que faziam a entrega de talharins e macarrões eram assaltados por um pelotão de grevistas, que os derrubam e dançam um xote em cima da massa, ou lhe jogam ácido fênico. Ou então a comiam depois. E penetravam nas tendas do ramo, quebravam os cristais e inutilizavam toda a mercadoria com ácido. A burguesia do talharim se alarmou poderosamente. Os ebanistas faziam o mesmo, quebrando móveis e espelhos com enorme barulho. As detenções ficavam mais violentas em ambos os ramos, de maneira que no dos talharineiros, que englobava quatrocentos oficiais, foi impossibilitado de atuar por falta de gente. Mas então todo o ramo de alimentação se solidariza: os padeiros, os pasteleiros, moleiros, cobrem as baixas de seus

companheiros detidos. E os carpinteiros, torneiros, envernizadores, todo o ramo da madeira se mobiliza para substituir os sabotadores. A greve dos ebanistas durou dezessete semanas. Até que os patrões afrouxaram... Foi um triunfo esmagador. E a lição de solidariedade foi realmente o que impulsionou a criação do Sindicato Único da Madeira – o famoso “Ram de la Fusta”, e o da alimentação, agrupando todos os sindicatos setoriais.
(**Joan Ferrer: A Revolta Permanente**)

O Sindicato Único de Ramo é a estrutura básica da anarcossindical

Toda a CNT gira em torno do sindicato. Um sindicato do ramo da saúde, por exemplo, seria formado pelas pessoas que trabalham na saúde em uma mesma cidade, que teriam seu ponto de reunião na sindical local. Ali discutiriam os problemas próprios de seu ramo. Podem ser formados sindicatos do ramo do metal, da construção, da madeira, da alimentação... Se não existem pessoas suficientes (25) para formar um sindicato de ramo, o que é algo bastante frequente, se constitui um **Sindicato de Ofícios Vários (S.O.V. ou Sindivários)** com simplesmente 5 pessoas. À medida que o Sindivários cresce e agrupa pessoas de diferentes ramos em número suficiente, pode ir se desmembrando em sindicatos de ramo. Por exemplo, um Sindivários de 300 cotizantes pode ter 30 de construção, 50 de metal, 200 de serviços públicos e 20 variados. Poderiam se assim o desejassem formar três sindicatos de ramos independentes (construção, metal e serviços públicos) e deixar o Sindivários com somente 20 cotizantes.

Como funciona o Sindicato Único de Ramo?

O sindicato decide suas questões por meio da **Assembleia de Sindicato**. A assembleia é o seu órgão máximo de decisão. À assembleia assistem pessoas concretas. Não se admite que comitês, delegações etc. se intrometam na assembleia.

A maior parte das organizações sindicais – e, em geral, qualquer organização assim o afirma –, baseia suas decisões na assembleia, mas com uma grande diferença com respeito ao anarcossindical. Consideram a assembleia como um órgão máximo de decisão, mas se dá à assembleia a periodicidade de um ano, por exemplo. Logo se escreve nos estatutos a criação de outro organismo, pleno de sindicato, reunião de comitê, junta diretiva ou qualquer outra denominação, que decide entre assembleias, de forma que o poder executivo passa na prática a esse organismo.

Na anarcossindical, no sindicato de ramo, quem decide é sempre a assembleia. Não existe junta, nem comitê, nem pleno de delegações, nem direção, nem executiva... que possa decidir entre assembleias. Mais adiante se explicará melhor as funções dos comitês da CNT. Outros nomes que recebe o sindicato de ramo são os de sindicato único ou sindicato único de indústria.

Cada vez que se celebra uma assembleia é importante que alguém tome ata do que ali se diz. Na ata se refletem as opiniões das pessoas que intervêm, os debates, os acordos que são firmados e quem os assume. Ao escrever e guardar a ata, escrevemos

nossa história.

A submissão, o trabalho forçado, a fome, são o lote da classe operária. Por ele, o inferno assalariado é um inferno lúgubre: a grande maioria dos seres humanos vegeta ali, privada de bem-estar e liberdade. E nesse inferno, apesar da decoração democrática e de sua máscara, florescem montes de miséria e dor. O sindicato traça sem equívoco possível a demarcação entre assalariados e amos. Graças a ele, a sociedade aparece tal como é: por um lado os trabalhadores, os roubados; por outro, os exploradores, os ladrões. (Emile Pouget: O Que É o Sindicato?)

Funções dos anarcossindicatos

O sindicato existe fisicamente por meio do local, que é o ponto de reunião das pessoas do ramo.

Quando um proletário medita sobre sua triste sorte, não há dúvida: vai ao local do sindicato. (Emile Pouget)

Os sindicatos da CNT se ocupam de todas as questões relativas à defesa da afiliação, e para isso se equipam de meios humanos, técnicos, econômicos e jurídicos. Planejam as ações contra o patronato, elaboram estudos sobre as condições de trabalho, reivindicações sobre problemas de segurança e higiene no mesmo e coletam todas as informações possíveis a respeito do funcionamento das empresas (abastecimento, fornecedores, lucro, empresas subsidiárias, empreitadas, política laboral, planos de conversão...). Isto é importante para, por um lado, fazer frente aos planos capitalistas com êxito e sem sobressaltos, e, por outro, para o caso de tomarmos a empresa. Tem a capacidade de convocar greves, assistir a reuniões com a autoridade e negociar em nome de seus membros. Preparam cursos de formação, jornadas de estudo, conferências. Realizam a defesa jurídica laboral e penal da afiliação. O sindicato é a escola do povo. Nele devemos nos acostumar a ver nos problemas dos demais nossos próprios problemas, a desenvolver o gosto pela conversa, pela reflexão e pelo debate, a ser polivalentes, a ter iniciativa... Dependendo do número e da atividade das pessoas que compõem o sindicato este estará melhor ou pior equipado.

O “Conhece a ti mesmo”, de Sócrates, é completado no sindicato com a máxima “Atua por ti mesmo”. (Emile Pouget: O Sindicato, Escola de Vontade)

Constituição de um Sindicato de Ramo

25 pessoas podem formar um sindicato deste tipo. Se não existe número suficiente, cinco podem constituir um Sindicato de Ofícios Vários (Sindivários), no qual cabem todos os ramos.

Meios humanos e técnicos

A primeira coisa que os membros de um anarcossindicato devem fazer é valorizar as forças que possuem, e, em seguida, planejar atividades que possam ser levadas a cabo. Realizando o possível, se poderá chegar ao impossível. Isto é importante porque a inatividade ou o fracasso conduzem sempre à desmoralização. São necessários no sindicato também meios técnicos na medida do possível, como telefone, FAX, fotocopiadora, máquinas de escrever, computador e impressora, um local para celebrar reuniões, manter o arquivo, etc. Uma recordação emocionada para nossa gente da época gloriosa, quando tudo se fazia a mão e no lombo de mulas velhas. Com certeza, para alcançar todos os anteriores, se requer desenvolvimento.

Para conseguir afiliação, que é o mais importante, cada membro tem que buscar fazer com que o sindicato cresça. O que é certeza de maneira absoluta é que a anarcossindical só cresce onde há problemas e conflitos, e que é função da militância buscá-los e provocá-los. Há um século atrás, o companheirismo era muito forte. As pessoas queriam estar sindicadas apesar da repressão.

Ali onde havia um periódico surgiam sindicatos, e o desejo de transformação social rondava muitas cabeças. Hoje em dia isso não existe, e foi substituído por um forte individualismo, ceticismo e desejo de consumo fomentado pelo capital. Devemos saber que nossa mensagem nesta sociedade não é compartilhada – no momento -, e que grande parte de nossas iniciativas se chocarão com a indiferença. Não deve-se perder o ânimo.

As assessorias jurídicas da CNT

A assessoria jurídica da CNT não tem porque ser gerenciada por juristas. Basta uma pessoa companheira que tenha um pouco de experiência na legislação laboral ou que se comprometa a estudá-la. Em caso de dúvida, consulta-se então com o serviço jurídico, com aquele que tenha contato com a assessoria da CNT.

Deverá dispor da legislação atual quando convir, por meio dos boletins oficiais provinciais, do conselho do estado ou da região correspondente e de toda a informação sobre as empresas que conseguir.

Neste mundo hostil e de leis injustas para nós, temos que defender nossos direitos e quanto melhor os conheçamos mais conscientes seremos e melhor o faremos. Menor necessidade de advocacia teremos com mais conhecimentos jurídicos. Mas a menor intervenção judicial virá da força maior do sindicato.

Queremos esclarecer que a finalidade de toda a legislação laboral não é outra que a de beneficiar o capital em geral, defender seus privilégios e permitir que roube livremente, impedindo a confrontação direta entre o mundo do trabalho e o capitalismo. O Estado impõe regras de jogo que beneficiam sempre o patronato, já que o sistema judicial:

- É caro. Para funcionar dentro dele deve-se pagar taxas muito elevadas. Essa gente, por abrir a boca, não te cobra menos que 1 000 reais. Muito mais para aceitar um caso, ou tramitar questões que te correspondem por direito, que são suas sem necessidade de nenhuma magistratura ter que decidi-lo.

- Sua linguagem é extremamente difícil para as pessoas normais. É feita assim para aumentar a ignorância da gente, pois conhecer uma coisa e compreendê-la significa poder dominá-la, e o que o interessa não é isso, mas sim que uma casta jurídica possa impor sua vontade sem discussões.

- É lento. Alonga processos que, por meio da negociação direta, poderiam ser solucionados com rapidez.

- Considera as partes em conflito como menores de idade, incapazes de solucionar por si mesmas seus problemas.

- É muito complexo. Necessita de grande quantidade de conhecimentos para se mover dentro dele. Muitas de suas partes são contraditórias, com armadilhas, e nunca há realmente segurança de que se tem ou não a razão.

Recorrer a juizados é um recurso que favorece sempre a patronal, pois ainda quando a pessoa que julga dá razão ao trabalho e sanciona o capital, a única coisa que faz é nos dar o que é nosso, e o que triunfa é a ideia de que é preciso um sistema lento, inútil, caro, pernicioso, prepotente, corrupto e incompreensível, nas mãos do qual temos que pôr nossa soberania.

Conhecer as leis permite exigir que se cumpram no caso de elas não serem efetuadas, o que acontece em muitas ocasiões. Mas além disso deve-se saber pular as leis, empregar o senso comum e perguntar-se sempre qual é o caminho mais curto, simples e barato para fazer algo. Ao usar métodos jurídicos, rompemos todavia nossa forma particular de ser, que nega as instituições do Estado. Por isso não se recorre às magistraturas para nada mais que para feitos concretos.

Segundo os acordos da CNT, a única tática assumível por sua militância é a Ação Direta (mais adiante se falará dela). A assessoria jurídica da CNT gestiona, pois, casos determinados nos quais, por falta de forças, não se pode chegar a solucionar o assunto pela Ação Direta. As assessorias jurídicas entram dentro das contradições em que se move o anarcossindicalismo.

O que é o comitê de sindicato?

A assembleia do sindicato nomeia pessoas para que abram os locais, mantenham relações com os outros sindicatos, recebam e enviem correspondências, arrecadem fundos, cuidem da imprensa, façam pedidos de livros... Tarefas simples que em geral não precisam de uma reunião da assembleia para serem levadas a cabo. Estas pessoas formam que se chama de comitê sindical, que se divide por secretarias, que são as de:

- Organização: encarregada das relações internas, das listas de afiliação...

- Propaganda, cultura e arquivo: redige os materiais didáticos, prepara a biblioteca...

- Imprensa e informação: se ocupa de se relacionar com os meios de comunicação.

- Tesouraria e assuntos econômicos: conduz as contas.

- Jurídica e pró-pres@s: reúne os boletins oficiais, a legislação, os contratos, informa sobre problemas jurídico-laborais, dispõe de fundos para ajuda em caso de detenções, encarceramentos, se relaciona com os gabinetes jurídicos...

- Ação sindical: elabora planos gerais de atuação nas empresas, haja ou não afiliação.

- Ação social: o mesmo mas em questões não sindicais, como ecologia, antimilitarismo...

- Secretaria geral: representa a confederação.

Todas formam o comitê do sindicato, junto com as delegações das diferentes seções sindicais das empresas do ramo de que se ocupa o sindicato. Isto é em teoria, porque se o sindicato achar que pode se virar com menos comitês, as secretarias são fundidas (por exemplo, imprensa e propaganda). E se quiser inventar alguma secretaria, também é possível. Mas o que é realmente importante é que **os membros do comitê do sindicato, e, por extensão, de todos os comitês da CNT, não podem receber nenhum salário por sua militância.**

Todos os comitês são mecanismos de gestão e coordenação, não possuem opinião própria, logo não podem tomar decisões. Só podem desenvolver as decisões das assembleias do sindicato e de seus encargos. No caso de por imperiosa urgência ou necessidade terem que decidir algo, terão de prestar contas da gestão à assembleia, que decidirá se sua atitude foi ou não correta. Todos os cargos são revogáveis a qualquer momento. A assembleia é livre para exigir a demissão de seu/sua representante se considerá-lo oportuno. A duração de um cargo é de dois anos, podendo ser reeleito para outro ano no máximo. É necessário que os cargos sejam rotatórios. O comitê, como tal comitê, não pode fazer propostas à assembleia do sindicato. Todo comitê terá que ser confirmado em outra assembleia após sua eleição. Todos os cargos estão sempre à disposição da assembleia. Os membros de partidos políticos não podem ter cargos na confederação.

Em todas as assembleias os comitês devem explicar as gestões realizadas pelas secretarias. Os comitês da CNT não possuem opinião própria. Quando abrem a boca, o fazem em nome da totalidade da organização e de seus acordos.

Estas limitações garantem que toda pessoa que acesse um cargo de gestão o faça desinteressadamente. É uma barreira para evitar a aparição de uma burocracia, e limitar ao máximo possíveis líderes, dirigentes e autoridade no seio do sindicato. O comitê na CNT deve ser um mecanismo de relação, administração e coordenação. Não um grupo de poder.

A limitação a membros de partidos políticos pertencerem aos comitês confederais foi adotada nos anos 30 sobretudo como meio de impedir os sindicatos de serem dirigidos pelo Partido Comunista Espanhol. Nada impede que comunistas autoritários militem na confederação enquanto sejam trabalhadorxs e respeitem sua forma de funcionamento. Mas estas pessoas pertencem a partidos que aspiram a se converter em vanguardas e guias do proletariado, e uma de suas táticas consiste em se infiltrar em quantas organizações independentes existirem para poder controlá-las. Por isso são limitadas desde a entrada as suas aspirações ao comando.

III. FUNCIONAMENTO DA CNT NAS EMPRESAS: A SEÇÃO SINDICAL

O conjunto de cenetistas de uma empresa forma o que é chamado de **Seção Sindical**. A seção sindical funciona por sua vez por meio das assembleias, nas quais se decide sobre os problemas concretos do centro. No enfrentamento com a patronal, a seção sindical deve conseguir liberdade de movimentos, propaganda, afiliação e defesa da mesma, direito a convocatória de assembleia, e direito a assinar acordos em seu nome. Tal como está a legislação e o panorama sindical hoje em dia, a CNT tem que lutar dia a dia para lograr os pontos expostos anteriormente, pois as empresas se negam a reconhecer o anarcossindicato por sua tática de boicote às eleições sindicais.

As eleições sindicais: o que são?

Neste país, @s trabalhadorxs ativ@s são legalmente representad@s perante a patronal através do comitê de empresa. Para constitui-lo, se realiza a cada quatro anos um processo de eleição nas empresas. Nele participam os sindicatos apresentando candidaturas, listas de pessoas elegíveis através do voto individual e secreto d@ empregad@ depositado em uma urna no dia eleitoral. As listas que se apresentam são listas fechadas, ou seja, são votadas por completo e na ordem em que o sindicato as apresenta. @ votante não pode priorizar @s candidat@s de sua preferência, ou votar em candidat@s de listas distintas. Definitivamente, a lei determina de forma minuciosa o desenvolvimento e o calendário da campanha eleitoral. Tudo culmina no dia das eleições, que é quando se vota. Posteriormente, é feita a contagem dos votos, e o número de delegad@s sindicais correspondentes é repartido de forma proporcional ao obtido em cada lista. Estxs delegad@s constituem, logo, o comitê de empresa.

As eleições sindicais: sua origem

As atuais eleições sindicais derivam das eleições para enlace sindical que eram celebradas durante a ditadura franquista no seio de seus Sindicatos Verticais. As eleições sindicais durante o franquismo se diferenciavam das atuais em que não eram apresentados sindicatos nem candidaturas, mas pessoas como “independentes”. Mas deve ficar claro que as eleições sindicais são perfeitamente compatíveis com um regime ditatorial. Tanto membros da CCOO como da USO durante o franquismo a partir dos anos 60 participavam individualmente das eleições nos sindicatos franquistas.

A UGT e a CNT as boicotavam, e promoviam um enfrentamento radical contra a ditadura que as deixou esgotadas e desarticuladas. Pode-se dizer que, durante os anos 60 até a morte de Franco em 1975, a UGT e a CNT tiveram uma existência mínima, clandestina e perseguida sindicalmente falando.

Em contraste, a CCOO e a USO – também clandestinas – atuavam com mais tranquilidade graças às posições institucionalizadas que ocupavam seus delegados no Sindicato Vertical franquista. Especialmente a CCOO e o Partido Comunista da Espanha esperavam converter-se, graças à participação no sindicato franquista, nos

únicos representantes do movimento operário espanhol, já que dispunham de quadros sindicais ativos eleitos democraticamente e tolerados pelos fascistas. Os líderes do CCOO e do PCE pensavam que era impossível derrubar o regime enquanto Franco vivesse. Sua estratégia era esperar que morresse, promover uma democracia e converter-se nas forças hegemônicas da esquerda espanhola colocando sua gente no aparato do Estado. Para conseguir isto, necessitavam de uma transição tranquila. Por consequência, fizeram todo tipo de concessões para alcançar o poder: aceitaram os símbolos da monarquia, o chefe de Estado designado por Franco (o rei), o sistema capitalista e a economia de mercado, a continuidade dos fascistas em seus postos, e que não houvesse ajuste de contas com os assassinos e os ladrões do regime.

A eles se uniram finalmente outras formações respeitáveis da esquerda como o PSOE e a UGT, que não queriam perder sua fatia do bolo. Com Franco morto e os Sindicatos Verticais dissolvidos, o governo da União de Centro Democrático, apoiado por estas forças da oposição, implementam o sistema eleitoral com voto secreto nas empresas até 1978.

Em resumo: as eleições sindicais são herança da ditadura franquista, dos falangistas e fascistas reconvertidos a democratas, e dos comunistas, socialistas e liberais que os apoiaram para fazer a transição para a dita democracia, de forma pacífica e sem rupturas. Esta herança responde à necessidade do governo e da patronal de dispor de interlocutores válidos e agentes sociais responsáveis. O poder e o capitalismo para nada precisam de um povo consciente de seus direitos, massas em mobilização permanente e dissidentes que pretendam derrubar o sistema.

O circo eleitoral

Dirão para você que mediante as eleições xs trabalhadorxs de uma empresa elegem seus/suas representantes. Isto é falso. As eleições têm uma missão principal, que é a de conceder a representatividade às centrais sindicais que disputam. O sindicato que é representativo é o que se senta para negociar com o governo e a patronal, e o que recebe milhares de milhões em subsídios. Se você vota em um sindicato, o que faz é outorgar legitimidade às pessoas que dirigem esse sindicato para que atuem em seu nome. Você lhes dá poder e direito, as capacita, lhes transfere segurança para que quando tomarem uma decisão possam dizer por meio da magia eleitoral que você participou. A legitimidade é algo que busca sempre o poder, e significa que quem está dominad@ possui confiança em quem manda e pensa que tem razão ou que tem suas razões para fazer o que faz. Na Espanha, a legitimidade dos sindicatos é muito escassa. As pessoas os identificam com o governo e com a patronal, e em geral pensam que a corrupção dentro deles é algo generalizado. A pesquisa feita em 1995/1996 pela Universidade Complutense de Madrid sobre a sociedade espanhola, expressava que no campo de sindicatos as pessoas pensam em geral que sindicalistas são funcionários, e os sindicatos, emanção do Estado; que 63 % da população tinha pior imagem dos sindicatos que dos grandes empresários; que esta opinião era mais frequente entre pessoas de esquerda que de direita; e que a imagem mais positiva sobre os sindicatos era manifestada pelas pessoas que apoiavam o governo. Há muitos outros estudos que possuem resultados similares.

Você pode pensar que será diferente deles, que você fará as coisas de outra forma, que você pode se apresentar às eleições e ser melhor que essa gente, que converterá o sindicato em outra coisa. Bom, pois você é muito presunços@. Na Espanha, há uma pluralidade sindical incrível, e é muito duvidoso que você consiga superar as dezenas de milhares de sindicalistas que andam por aí dando voltas com suas pastas. Quando todos o fazem tão mal, não se pode pensar que isso seja porque todos eles são maus, perversos, traidores... Há outros motivos.

O caminho eleitoral

Não é tão simples se apresentar para as eleições. Não é tão fácil quanto dizer “lá vou eu”. Você tem que apresentar uma candidatura e desenvolver um processo eleitoral. Isso significa que você precisa: primeiro, buscar gente que queira se apresentar; segundo, conhecer as normas legais e cumprir suas exigências dentro dos prazos legais; terceiro, brigar com as outras candidaturas; quarto, ter dinheiro para fazer propaganda; e por último, conseguir votos. Se fizer tudo isso, se conseguir chegar ao final de sua carreira, você se dará conta de que se converteu em outra coisa e que já não é mais você, porque no caminho você terá tido que prometer, mentir, enganar seu/sua rival. Terá feito loucuras tantas vezes que agora será realmente outra pessoa.

Buscar gente para a candidatura é muito complicado. A maioria de teus/tuas recrutas aceitarão ir como candidat@s sempre que isso não implicar compromisso. E você aceitará estxs candidat@s supérflu@s, passiv@s, para poder apresentar a ditosa lista. Porque a candidatura tem que estar completa. Se tiver que apresentar dez candidat@s, não podem ser nove.

Você deve ainda ter um programa. Pode perceber que todos os discursos eleitorais são iguais: todos proclamam honradez, transparência, eficácia, participação, combatividade, e poder assembleiário... Todos juram que farão isto e aquilo. Todos reivindicam direitos, salários, plataformas, triênios, segurança... Todos distribuem isqueiros, canetas e chaveiros. Todos soltam embustes. E você não será diferente, porque não está em sua mão individual conseguir o que há de ser fruto da ação coletiva de tod@s @s trabalhadorxs.

As normas jurídicas são importantes, porque se você se esquecer de apresentar um papel, um documento, uma assinatura... se no último dia e na última hora um candidato renunciar, ou você se der conta de que seu/sua recruta se apresenta por dois sindicatos, adeus lista. Ademais, teus competidores buscarão o mínimo deslize para te impugnar, te derrubar e te anular. Acusarão as pessoas de sua candidatura, empregarão todos os meios a seu alcance para impedir que você se apresente. Com certeza você fará o mesmo com eles, porque quanto mais sindicatos se apresentarem e mais gente votar, menos delegad@s você obterá.

E por último, para conseguir com que votem em você, terá que se passar pela empresa mendigando este voto, puxando seus/suas colegas pelo braço para tomar cerveja, – eu me pergunto se não iriam querer mais do que isso – e colocar-lhes diante de uma urna com um papel na mão.

Ou seja, você terá se metido em um processo que não controla. É o processo que dirige você e que faz com que você faça o que deve ser feito. E assim, o mesmo consegue

sair, o mesmo ganha, vence. Mas você já sabe que agora já não é você. Agora você é um idiota.

Os membros dos comitês de empresa

Agora você é membro de um comitê de empresa. Você está submetido a uma norma jurídica. Você tem que lidar com outros sindicatos, com a empresa, e com trabalhadorxs. E você até tem que lutar com teu próprio sindicato.

Porque você agora é diferente, você não trabalha mais como antes. Você se especializou em problemas. Teus/tuas colegas esperam que faça algo, que lhes resolva suas pequenas confusões individuais, que lhes arrume questões de quadrante, uniformes, trocas de posto, turnos melhores... Te contarão histórias longuíssimas “Veja que injustiça!” “Veja quanta razão eu tenho!”, e se dará conta de que não te dizem toda a verdade, que te ocultam dados e que muitas vezes seus pedidos são absurdos. Seu sindicato – se o tem – tentará fazer com que os recursos que obtém das eleições – horas sindicais fundamentalmente – se revertam para a estrutura sindical, e tentarão fragilizar sua posição – você deve a quem vota em você, que é quem te coloca no comitê, e não ao sindicato ao qual pertence –, e comprovará que se choca uma ou outra vez com teus/tuas supost@s aliad@s, ou que tem que se render às suas exigências. Terá que dedicar uma parte importante de suas energias para conspirar, selar alianças contra fulan@, para depois de amanhã lutar contra ciclan@. Os outros sindicatos procurarão tornar sua vida impossível – e você, a deles –, porque, se não, por que a divisão sindical? Por último, você terá que se sentar com a empresa. E perceberá que na verdade a direção não é tão mal, que seus problemas são reais, e pouco a pouco a compreenderá melhor, terá uma atitude mais construtiva. E a partir dos conhecimentos e relações que vai adquirindo, fará carreira profissional, será promovido, obterá melhores postos.

E se por um milagre d@s mártires do panteão sindicalista você tentar se manter fiel ao seu programa e aos seus princípios, verá que uma e outra vez se espatifa com a passividade de seus/suas colegas de trabalho. Elxs sentem que você @s está usando como pretexto, como álibi, como suporte. Elxs no fundo sabem que você é um/a impostor/a, que é um/a farsante, que usa um disfarce: o disfarce que oculta a sede de poder, o afã de protagonismo, o desejo de privilégios que emanam de sua posição institucional... e portanto, te olham como um ser estranho, como alguém que é lícito usar para fins particulares. Não gostam de você: te contrataram, e é normal que seja assim. Ademais, suspeitam de você. Você se separou d@s trabalhadorxs por: primeiro barreiras físicas, o local do comitê, ao qual peregrina @ trabalhador/a com suas demandas; em segundo, pelo trabalho que realiza, que já é distinto do de seus/suas companheir@s; em terceiro lugar, há barreiras mentais, porque sua perspectiva agora não é a mesma que quando estava apertando parafusos, e vê as coisas de outra maneira; em quarto lugar, há uma separação estrutural, já que está em um posto de onde recebe informação privilegiada, interage com diretores...; também dispõe de mais poder, pode tomar por conta própria decisões que afetam @s trabalhadorxs sem que elxs possam intervir; e, por último, adquire um saber, aprende legislação, normas e vias para a realização de trapaças, conciliações e tramoias. Como seus/suas colegas vão

gostar de você, se agora não é um/a delxs? E, igualmente, você considerará @s trabalhadorxs de outra forma. @s verá como egoístas, covardes, vagabund@s...

É totalmente impossível que isto seja de outra forma. É inconcebível que, através de um sistema eleitoral desenhado para converter a democracia em uma farsa, nós participemos e apoiemos um sindicato.

Algumas características do processo eleitoral

Se você passou por este ritual eleitoral, terá comprovado como todo o processo de eleição se realiza de costas para @s trabalhadorxs. As pessoas a quem você pede o voto não leem os programas, não escutam a propaganda, não participam das suas reuniões, e muit@s não votam. Em segundo lugar, é visível que o processo é levado adiante pelos liberados (já falaremos deles), os profissionais do sindicalismo que vivem da organização que supostamente deve defender a classe operária. Estes elementos, metade políticos, metade burocratas, criaram uma máquina de mentir, uma postura em cena para reprimir qualquer tipo de participação de quem não apoie a sua pequena oligarquia. Os especialistas sindicais procuram sobre todas as coisas defender sua organização, seus cargos e seus interesses, e isto se consegue sendo conservadores. A terceira questão, é que na campanha não há confronto de ideias, por que @ trabalhador/a é concebido como um/a cliente, uma consciência a seduzir, um mero voto a arrastar para as urnas. E por isso @ trabalhador/a é transformado também em um produto, em um objeto de consumo que você deve adquirir. Terá que definir o perfil de seu/sua votante, e como chegar mais facilmente a elx. E isso não se consegue através das ideias. Os discursos sobre participação e democracia tornam frias as relações pessoais a estas alturas. Eles incidirão especialmente no mal que os outros fazem, e no bem que você faz – ou fará.

Como quarto ponto, há uma ausência de moralidade no processo – vale tudo –, a mentira, o suborno e a coerção mais ou menos evidente, para lidar com seu/sua oponente. Esta falta de honestidade é percebida pel@s trabalhadorxs e contribui – ainda que tente manter-se à margem destas táticas – para o seu próprio descrédito.

Em quinto lugar, seu programa se articulará em torno do politicamente inofensivo, até que esteja extirpado de todo e qualquer resquício de desejo de transformação social. Os programas refletem a imagem de um/a trabalhador/a retificado, bem educado e amante do sistema, e, ao mesmo tempo, contribuem para sua generalização. Não é vontade d@s trabalhadorxs o que se põe no programa. Não são seus interesses sem mudar @s que se defendem. E isso é assim porque elxs não participam na definição de qual é esse interesse.

Não esqueça que você provavelmente pertence a um sindicato. Todos se apresentam como blocos compactos, sem fissuras, harmônicos. Mas durante o processo eleitoral são alimentadas as disputas internas, a guerra de facções por poder no seio da organização. Uma guerra manipulada que não põe em questão o funcionamento do Sindicalismo de Estado, mas que serve para distribuir poderes e influências em seu seio. Para sustentar os grupos dominantes, derrubá-los ou levantar outros.

E, por último, como desprendimento de todo o processo, você terá se convertido em uma figura nova, em outra coisa, em um/a sindicalista de Estado, isto é: você é

um/a criad@, um/a servidor/a, um/a empregad@, um/a lacai@ a serviço de um artefato empresarial. É assim que perceberá o repúdio de seus/suas companheir@s, ou o seu dissimulado interesse particular. Verá que nem as pessoas de sua própria candidatura nem importantes quantidades da afiliação do sindicato votam em você. Você se queixará da passividade proletária. Mas, na verdade, se queixa do disfarce tão mal que carrega, de sua má atuação. Porque não há nada estranho no leão que se nega a saltar pelo aro do domador. Só por um processo de domesticação o bicho obedece. E o mesmo passa com @ trabalhador/a, que não participa, que não se mobiliza – entre outros fatores – porque você existe. É muito importante que compreenda isso. @s trabalhadorxs não participam porque você @s representa.

Responsabilidade do sindicalista de Estado

Você que lê isto, abra os olhos: não vale dizer que, tal como estão as coisas, fiquemos como estamos; não vale pensar que este sistema é invencível; não vale aceitar a moral do mal menor. Ao colaborar com um sindicato de Estado, ao se apresentar às eleições sindicais, ao se libertar de teu trabalho, você se torna cúmplice de um sistema de controle d@s trabalhadorxs, desenhado para impedir que suas vozes se ouçam; se converte em um agente da repressão, um capataz, um cabo, um colaborador, um/a pres@ que vigia outr@s pres@s. Você sabe que é impossível que o sindicalismo de Estado mude. É impossível que renuncie aos fundos de formação ocupacional, às subvenções e à sua presença institucional, porque desta renúncia deriva sua desapareição. Você sabe que um/a funcionári@ liberad@ não pode consertar a política laboral, nem a precariedade, nem o desemprego... Você sabe que suas reivindicações são ridículas: carreira profissional, oposições, cursinhos de formação, salários dos liberados, pactos pelo desenvolvimento não interessam a ninguém mais que a quem desenha e assina estas coisas. Você, como sindicalista de Estado, é mais um peão da violência simbólica. Não está fart@ de ser recriminad@ pel@s trabalhadorxs? Não se cansa de ver seus dirigentes vivendo de mentiras? Não te parecem absurdas essas concentrações realizadas com horas sindicais? Não são idiotas essas greves gerais destinadas a salvar a imagem dos dirigentes? Não são indignantes estes congressos nos quais te limitam a votar no que manda o chefe de sua facção?... Você sabe melhor que ninguém, não importa que seja da UGT, da CCOO ou da CGT. Os sindicatos de Estado só podem melhorar de uma maneira: morrendo.

O boicote às eleições sindicais

A CNT rejeita o princípio da autoridade, e, conseqüentemente, representantes com poder e imóveis. Nas eleições de 1978, a CNT teve que optar entre se meter no circo eleitoral ou se manter à parte deste sistema de representação buscando outra via para sua ação sindical. Se a CNT entrasse neste sistema de eleições sindicais, delegados executivos, funcionários assalariados e subsídios do Estado e da patronal, reproduziria exatamente aquilo que está tratando de evitar. E (não poderia ser de outra forma) foi feito um acordo de boicotar as eleições sindicais igual a como se fez durante o franquismo. O preço que a CNT pagou para que se mantivesse um pouco

coerente (a pureza e a coerência total não existem) foi o das excisões de pessoas que preferiram ir embora ante as dificuldades que têm ao levar adiante uma ação anarcossindical deste tipo, e apostaram em um tipo de sindicalismo baseado nas eleições-subvenções-liberados. Estas excisões formaram o que é hoje a Confederação Geral do Trabalho (CGT). Na prática, a CGT, apesar de ter contado com mais mobilidade ao dispor de alguns fundos para pagar seus funcionários, obteve até o momento resultados eleitorais insignificantes. E, o mais importante, a CGT se institucionalizou, forma uma parte do sistema, funciona através de seus oligarcas pagos pelo Estado e pelas empresas, monta seu negócio de cursos de formação (como o resto dos sindicatos), e – igual a todo o sindicalismo de Estado – converteu a democracia em uma tragicomédia, uma pantomima, em uma palavra vazia, sem significado. O papel geral da CGT, da CCOO, da UGT, da USO e de seus liberados institucionais, é vergonhoso.

É certo que a CNT tem uma existência escassa e precária, no momento. Mas a força de uma ideia não é proporcionada pelo número de seus/suas adept@s, mas pela validade de seus pensamentos. E a missão d@s dissidentes é mostrar como funcionam as coisas, e abrir novos caminhos que possam dar lugar à revolução social, não conseguir muit@s afiliad@s através dos cursinhos de formação. Como se conseguem as coisas é extremamente importante para um sindicato libertário.

Somos um sindicato. Temos uma organização. Não se preocupe porque somos pouca gente. A CNT não é ineficaz, não está antiquada. A CNT é uma máquina reluzente, um artefato recém inventado que serve para lutar contra o capitalismo. Se só houvesse neste planeta duas pessoas que a empregassem, não mudaria o fato de que estão lutando, estão se organizando, definindo problemas, demarcando objetivos, desenvolvendo táticas e estratégias e obtendo soluções e vitórias até na derrota. Porque essas duas pessoas estão aqui, lutam contra o sistema. E isso dá pânico ao sistema e a seus servidores. Isso irrita os colaboradores e os traidores. Isso perturba os covardes e vendidos. Isso chateia enganadores, vira-casacas, trambiqueiros, trapaceiros, puxa-sacos e oportunistas. Isso assusta – também – as pessoas de boa vontade que trabalham “porque não se pode fazer outra coisa” para os sindicatos de Estado. Isso lhes inquieta, porque sabem – no fundo – que seus interesses, seus subsídios, suas liberações, seus discursos, sua eficácia, seus grandes aparatos, suas ONGs e seu voluntariado... não são mais que mentiras que justificam a opressão e a ganância capitalista. Que haja dissidentes que estão dispost@s a adotar outras formas de ação, disso não gostam, isso lhes dá medo porque põe em xeque o estilo de vida que associam ao capitalismo. Por isso tentam inculcar-te a ideia de que tudo é inútil, que não se pode fazer nada fora do marco de suas regras e de seu jogo. Mas sempre, sempre se pode fazer algo, aqui, agora, neste momento. O amor à liberdade, a assembleia, o federalismo, o apoio mútuo, a ação direta, jamais essas palavras podem ser débeis. Tenha consciência deste fato, e será forte ainda que esteja a sós. Queremos ser muit@s, mas não como criad@s do sistema.

Atividade cotidiana da anarcosseção

Quando uma seção começa a andar, ou seja, quando três, duas ou uma pessoa de

uma empresa qualquer decidem que já estão fartas de aguentar, devem procurar:

- Conhecer os pequenos problemas das pessoas e se sintonizarem com eles, resolver reclamações simples e criar uma corrente de simpatia ao redor da seção. A resolução de questões se leva a cabo em primeiro lugar por meio da ação direta, ou seja, falando diretamente com o chefe, o capataz, etc. Se isso não é possível, fazer com que o sindicato intervenha com o seu arsenal clássico (negociação-pressão-boicote-sabotagem-greve-etc.), e se por qualquer motivo isto não funcionar, ou se por relação de forças isto for impossível, ou se for necessário colocar em prática um gasto energético ao qual não estamos dispost@s, pode-se realizar uma reclamação jurídica através da assessoria jurídica do sindicato. (Para isto existe esta secretaria.)

- Legalizar uma seção perante o CEMAC e a empresa. A legalização não supõe a princípio a entrada de nenhuma garantia ou direito. Mas permite que em um caso hipotético a seção possa convocar uma greve legal e outras atividades, ao ter personalidade jurídica.

- Localizar o inimigo, que é por um lado a empresa, e por outro, em 99 % dos casos, o comitê de empresa e o resto dos sindicatos que colaboram com ele. Deve-se aumentar as contradições e não deixar passar uma. Mas não percamos nunca de vista o inimigo real, que é a empresa, já que nestes sindicatos pode haver gente e militantes com boas intenções.

- A seção deve estar presente no Comitê de Segurança e Higiene do centro. Se ele não existe, promover sua criação. Quer esteja nele ou não, a seção elaborará seus planos de segurança no trabalho, em prevenção de enfermidades ou acidentes.

- Coletar o máximo de dados sobre a empresa, lucros que obtém, planos econômicos, reconversões, planilhas, salários dos diretores, composição dos conselhos de administração, fornecedores, empresas subsidiárias, costumes e comportamentos da patronal... Isto serve sobretudo para se antecipar a seus planos repressivos, e também para, em um caso hipotético, poder gestionar a empresa.

- Editar boletins, folhetos informativos sobre os temas que vão saindo, mostrando as opções da CNT. Ressaltar sempre a opinião de que quem deve decidir são as assembleias.

- A anarcosseção tentará fazer com que a empresa reconheça a personalidade coletiva e jurídica de seus/suas trabalhadorxs, ou seja, que @s representantes que forem eleit@s na assembleia tenham capacidade negociativa, que hoje em dia está somente nas mãos dos comitês de empresa.

- Quando o Comitê de Empresa convocar alguma assembleia geral, falar nelas como CNT e procurar fazer com que assumam nossas propostas. Negar que as votações sejam secretas. O voto secreto é sempre reacionário. Na assembleia acontece às vezes da gente se dar conta de que não tem nada para esconder, perder o medo e adquirir o senso comum que nos faz ver as coisas com clareza.

- Se as assembleias decidem coisas que vão contra os acordos da seção da CNT, se respeitará o acordo se não é contraditório com o que pensamos, mas não o ratificaremos se não quisermos, e sempre defenderemos nossas posturas.

- Se chegar o momento em que a lerdeza e a traição do comitê ou dos sindicatos institucionalizados se fizer muito evidente, deve-se tentar derrubar o comitê de empresa e propor que a representação se leve a cabo pelas seções sindicais e

assembleias de empresa.

- Em caso de greve, procurar estar em maioria, ou ao menos presente, no comitê de greve. Deve-se tentar fazer com que a convocação de greve seja decidida em assembleia geral por maioria, e que ali mesmo se nomeie o comitê de greve que é o que deve se encarregar de relacionar a empresa com a assembleia. E para que isto ocorra aí deverá estar a CNT. É o único caso em que, com a legislação laboral em mãos, a empresa será obrigada a dialogar com representantes das assembleias.

Corresponde ao comitê de greve participar em quantas ações sindicais, administrativas ou judiciais forem realizadas para a solução de um conflito. (Decreto real lei de relações do trabalho – 4 de março de 1977)

- A seção deve respeitar as assembleias gerais, mas não esquecer que somos um sindicato, que pretendemos agrupar trabalhadores e trabalhadoras, e portanto teremos nossas próprias posturas.

- Deve-se insistir que uma CNT ampla é a melhor garantia de respeito às decisões da assembleia.

- A seção deve estar consciente de que uma assembleia de fábrica pode ser manipulada. Se a empresa e os sindicatos estatais virem que perdem espaço, mandarão às assembleias todas as suas forças: o comitê de empresa, as seções sindicais dos sindicatos colaboracionistas, os diretores, as chefias etc. A seção sindical da CNT será acusada de falta de representatividade, de não dar alternativas, de ser terrorista e coisas assim. Dependendo de como estiver a relação de forças e a vontade de resistir, se alcançará mais ou menos. E esta luta não é nada simples.

Relação da seção com o anarcossindicato

A seção nomeará uma pessoa que a coordene com seu sindicato e que pertencerá a seu comitê, outra que a represente frente à empresa, e outra que arrecade fundos. Perante qualquer questão que exceda as possibilidades da seção sindical, se recorre ao sindicato, que é o centro da vida da anarcossindical, e o que sustenta a seção. Da mesma forma, o sindicato pode obter a colaboração da seção. Os cargos seguem nela as mesmas normas que no sindicato, e é recomendável que as responsabilidades sejam assumidas rotatória e coletivamente pela totalidade da seção.

Empresas e seções em que não existam comitês de empresa

São lugares de “economia emergente”, trabalho precário etc. São setores nos quais o emprego pende por um fio, os salários são baixos, as condições de trabalho insalubres e a patronal despede sem contemplação quem leva a voz além da conta. É conveniente que a seção peça o apoio de seu sindicato para que quem exerça a pressão sejam pessoas sobre as quais não possa recair a repressão.

Nestas empresas, a ação direta só pode dar bons resultados porque a via jurídica é quase sempre inútil, a menos que se possa demonstrar que a demissão ocorre por repressão sindical. Deve-se esclarecer que para realizar atividade sindical em uma

empresa não é preciso nem ser fixa nela, incluindo a estada em período probatório. A demissão determinada por atividade sindical é demissão nula radical, único caso em que a empresa é obrigada a readmitir (se for possível demonstrá-lo). A maioria das recomendações anteriores são válidas aqui, ou ainda melhores, porque às vezes não há nem outros sindicatos.

IV. A RELAÇÃO DE SEU SINDICATO COM OUTROS SINDICATOS DA CNT

A Federação Local

No caso de diferentes sindicatos da CNT (construção, metal, ofícios vários, gastronomia, serviços públicos etc.) conviverem em uma mesma cidade, este conjunto forma o que se chama uma **Federação Local (F.L.)**, que é coordenada por meio de um comitê. Este comitê tem os mesmos cargos que existem no sindicato e as mesmas atribuições. O comitê local portanto é um organismo de relação, administração e desenvolvimento de acordos que lhe encomendam. Em nenhum caso é um grupo executivo.

Como é nomeado o comitê local?

O comitê local se nomeia em uma Plenária Local de Sindicatos, uma reunião à qual os diferentes sindicatos locais (Ofícios Vários, Saúde, Construção...) mandam delegações com acordos por escrito tomados anteriormente em assembleia. Esta assembleia de delegações nomeia a secretaria geral e a tesouraria. O resto dos cargos (imprensa, formação, arquivo, jurídica etc.) são cobertos com uma pessoa de cada sindicato de ramo.

As **plenárias locais de sindicatos** tomam decisões no âmbito local. Para isso, é necessário que os sindicatos celebrem suas respectivas assembleias e assinem acordos previamente. A **plenária local** é convocada por petição de um sindicato por meio do comitê local.

O que acontece se há mais de um sindicato de ofícios vários em uma localidade? O sindicato em questão pode se relacionar com outros de localidades próximas e formar uma federação comarcal, com as mesmas atribuições da federação local.

Mecanismos de relação e coordenação entre federações locais: a Confederação Regional

Quando vários sindicatos de um determinado entorno geográfico estabelecem relações, formam uma **Confederação Regional do Trabalho**. Por exemplo, a Confederação Geral do Trabalho de Andaluzia-Canárias. O entorno geográfico pode ser modificado à vontade dos sindicatos e as regionais podem tanto se fundir, para o que precisam da concordância de ambas as regionais, como se dividir, se 75 % dos sindicatos assim o desejar.

Os sindicatos da Confederação Regional decidem em comum por meio da **Plenária Regional de Sindicatos**. A ela comparecem as delegações diretas dos diferentes sindicatos da região com seus acordos tomados por escrito e em assembleia. A Plenária Regional de Sindicatos é a encarregada de decidir sobre todas as questões de seu âmbito geográfico. Para as atividades de coordenação, a plenária nomeia uma pessoa que representa a confederação regional, que exerce a secretaria geral de um comitê regional. Elege ademais uma localidade que será sua sede física. O resto das secretarias do comitê regional (tesouraria, jurídica, pró-pres@s) é eleito em uma plenária local de sindicatos para a federação local sobre a qual recai a nomeação, e cada sindicato nomeia uma pessoa para cobri-las. Como isso é um pouco tedioso, talvez um exemplo esclareça as coisas: os Sindicatos de Ofícios Vários de Cádiz, Sevilha, Granada, Córdoba, Jaén e cinquenta mais sindicatos de ramo de diferentes localidades se reúnem na Plenária Regional e nomeiam Juana Pérez, do Sindivários de Cádiz, como secretária regional da Confederação Regional do Trabalho de Andaluzia-Canárias, e designam como sede do comitê a Federação Local de Cádiz. A Federação Local de Cádiz é composta pelos sindicatos de Metal, Construção, Artes Gráficas, Ofícios Vários, Serviços Públicos, Químicas e Aposentad@s. Estes sindicatos, reunidos na Plenária Local, elegem o resto das secretarias, propondo uma pessoa cada um. O conjunto destas secretarias (geral, organização, jurídica, informação, arquivos etc.) forma o que é denominado **Secretariado Permanente**, o qual, junto com as secretarias locais da região, forma a totalidade do Comitê Regional.

O Comitê Regional é um órgão de coordenação, gestão e administração. Não pode tomar decisões nem acordos. Só desenvolverá as tarefas que lhe encomendarem. Será revogável a qualquer momento, em toda plenária regional se poderá questionar a continuidade do comitê. Terá uma duração consecutiva de três anos no máximo, e sempre que se eleger um novo este terá que ser confirmado em uma plenária regional posterior. Os membros dos comitês não podem fazer propostas às plenárias e assembleias. Deve ficar bem claro que a soberania da Confederação Regional pertence sempre aos sindicatos de ramo. As funções do comitê regional são as mesmas de outros comitês, exceto pela maior amplitude geográfica que abarcam.

Relações entre as distintas confederações regionais: a Confederação Nacional

As diferentes confederações regionais que operam dentro do âmbito de poder dominado pelo chamado Estado espanhol formam a Confederação Nacional do Trabalho. As confederações regionais fazem seus acordos na Plenária Nacional de Regionais, da qual suas delegações participam com acordos tomados por escrito nas Plenárias Regionais de Sindicatos. A Plenária Nacional de Regionais tem capacidade para firmar acordos em seu âmbito geográfico e nomear um/a secretári@ geral nacional e uma federação local que será sede física do Comitê Nacional.

Por exemplo: as confederações galega, murciana, astur-leonesa etc. reunidas em plenária nacional de regionais elegem Belinda Fernández, do Metal de Barcelona, como secretária geral da CNT. A sede do Comitê Nacional recai na Federação Local de Sindicatos de Barcelona, que é composta por 32 sindicatos que reunidos em plenária

local elegem o resto das secretarias. Estas pessoas, Berlinda Fernández e as eleitas em Barcelona formam o Secretariado Permanente do Comitê Nacional da Confederação Nacional do Trabalho (SP da CNT). O resto do Comitê Nacional é coberto com a secretaria geral de cada regional. As funções deste comitê são as mesmas que as expostas até agora para outros comitês e ele sofre as mesmas limitações.

Por que a eleição de comitês é realizada desta maneira?

Ela é feita desse modo para evitar que os comitês sejam homogêneos. Em outras organizações são eleitas listas, candidaturas, equipes e programas, são estabelecidas alianças para ocupar cargos e dali levar adiante a política da tendência vencedora. O anarcossindicalismo considera que seus comitês não devem ter programas nem política. A eleição direta por parte dos sindicatos garante a heterogeneidade e variedade do comitê. Qualquer tipo de representação tem uma carga de poder executivo, mas na CNT se procura fazer com que este poder em mãos de pessoas mais ativas e informadas seja mínimo.

Como os sindicatos da CNT decidem entre eles?

Por meio do **Congresso da CNT**. Do congresso participam as representações diretas dos sindicatos independentemente da regional ou da local a que pertençam, com seus acordos assinados por escrito e em assembleia prévia. O congresso tenta decidir sobre a atividade geral da CNT para evitar que diferentes confederações regionais atuem contraditoriamente. O congresso pode também nomear um novo comitê nacional e quantas questões sejam consideradas oportunas por parte dos sindicatos. Desde sua fundação em 1910, a anarcossindical celebrou sete congressos, os três últimos depois da morte de Franco.

O congresso é convocado pelo Comitê Nacional quando existe necessidade, quando surgirem situações novas ou contraditórias que pedem esclarecimento. Então ela é convocada com um ano de antecedência, é ratificada a convocatória em uma Plenária Nacional de Regionais, são apresentados os temas de discussão e começa o debate no seio dos sindicatos uns sete meses antes da determinação do início.

Os congressos da CNT sempre foram muito tempestuosos. É tradicional que sejam perdidas as primeiras sessões em assuntos técnicos, como se vota, como se discute, que delegações são aceitas, saudações. Também é tradicional que as pessoas se repitam e defendam seus acordos até a exaustão, e que haja um ambiente apaixonado.

Para presidir a primeira sessão é eleita (a federação local de) Sant Feliu de Guíxols (Catalunha). Formada a mesa de discussão, o presidente faz uso da palavra. Presidente. Recordo que no congresso de 31 também presidi a primeira sessão. Naquele congresso, as sessões transcorreram em um ambiente carregado de paixão. Faltou controle e as primeiras sessões foram anódinas. Convém que neste não ocorra o mesmo.

Ferrovários Madri Norte pergunta se é possível que as federações locais, que são delegações indiretas, possam presidir e ser secretárias do

congresso.

Presidente lhe esclarece que ele representa todos os sindicatos de suas localidades porque foi convocada uma assembleia geral e nela se discutiram pontos da ordem do dia, por isso é uma delegação indireta.

Vidro de Sevilha entende que não se pode ter delegação sem ser do sindicato ao qual pertence, porque as locais são representações indiretas e as delegações devem ser diretas.

Presidente esclarece a situação destacando que foram os sindicatos que assim decidiram ao discutir conjuntamente a ordem do dia.

Torreveija: O delegado deve representar sua assembleia e não outros sindicatos.

Hospitalet de Llobregat: Precisamos nos dar conta da discussão anômala que mantemos e nos lembrar dos acordos do congresso anterior...

Ferrovários Madri Norte: A pergunta era saber se as delegações que vêm com caráter informativo podem presidir. Ele entende que não.

Construção de Valência: Deve-se proceder à nomeação da comissão revisora de credenciais...

Presidente: Será melhor resolver o debate agora. Lembrem os delegados que o congresso começa igual o de 31 e se se pretende que prevaleça o próprio critério, como pode a mesa encaminhar os debates?

Ferrovários Madri Norte insiste que são informativas e não podem presidir.

O secretário de palavras intervém para pedir que não se aglomerem para pedir a palavra porque é impossível de se entender. Logo diz que é delegação direta... (Atas do Congresso de Saragoça de 1936)

Este foi o início do histórico congresso de Saragoça de 1936. O presidente, que representa a federação local de sindicatos de Sant Feliu de Guíxols, pede serenidade nos debates, e a primeira intervenção é para questionar ao próprio presidente, por representar uma federação local e não seu sindicato. A transcrição da ata anterior é um exemplo entre centenas nos quais @s delegad@s só faltam puxarem-se pelos cabelos. Outro congresso divertidíssimo foi o da AIT em Saragoça, em abril de 1872...

...Absolutamente cheio o teatro de Novedades; cheia ainda a calçada por quem não cabia no teatro; quando Morago declarou aberto o congresso e apresentou Conlandrea (chefe de ordem pública de Saragoça) com seu ajudante (Braulio Bello, inspetor de ordem pública) a suspender o ato, foi um momento solene. Os delegados no cenário permaneceram sentados e tranquilos. Os funcionários governistas, com uma repreensão semelhante na timidez, deram seus nomes ante o pedido do presidente, exposto com digníssima superioridade. O público ansioso e silencioso, disposto a ser ator quando se inciasse a tragédia, escutou o diálogo entre o presidente e o policial.

Tomás e eu estávamos perto da porta, e vimos que, no momento em que

entrou a autoridade no cenário, o clamor e o movimento da multidão, consequência natural de nosso sucesso, foi interpretado por um homem que se encontrava ao nosso lado como tentativa de fugir do público. De um salto, aquele homem, que parecia um colosso rural, com as mangas da camisa arregaçadas exibindo braços de musculatura hercúlea, disse descrevendo uma linha diante de si com um enorme garrote... “Maldito o que passar por aqui! Lhe arrebento a cabeça!”

Por sorte não houve necessidade de provar a seriedade da ameaça. Todos permaneceram em seus postos e quando a sonora e bem timbrada voz de Morago gritou: “Viva a Internacional!”, ressoou um estrondoso... “Viva!” (Anselmo Lorenzo, O Proletário Militante)

Resumo

Até aqui vimos formas de decisão na CNT, que giram basicamente em torno da **Assembleia de Sindicato**. Outros órgãos decisórios com representação direta por meio de delegações dos sindicatos são as **Plenárias**; plenárias locais, regionais e congressos, das quais participam os sindicatos com os acordos assinados previamente **em assembleia e por escrito**. Esta regra é válida também para a Plenária Nacional de Regionais, da qual participam as delegações das diferentes confederações regionais, com acordos assinados previamente e por escrito em uma Plenária Regional de Sindicatos.

Como são coordenadas as diferentes anarcossindicais do mundo?

Por meio da AIT, a **Associação Internacional d@s Trabalhadorxs**. Em um congresso mundial do qual participam as delegações das distintas seções é eleito um secretariado internacional. A AIT pode se estruturar por continentes.

A gestão e a administração dos diferentes comitês: as plenárias e as limitações dos cargos na CNT

Já falamos das diferentes limitações que possuem os comitês na anarcossindical para evitar a aparição de uma burocracia e de novas formas de poder. Em resumo são:

- As pessoas que fazem parte dos comitês não podem receber salários por seus serviços. Estas atividades são sempre voluntárias e desinteressadas.
- Os cargos são de gestão (desenvolvimento de tarefas encomendadas) e administração. Não podem decidir por cima dos sindicatos.
- Os cargos são revogáveis e questionáveis a qualquer momento.
- Têm uma duração máxima consecutiva de três anos.
- São rotativos.
- Estão à disposição de cada assembleia.
- Os comitês não podem fazer propostas à anarcossindical. Estas partem sempre dos sindicatos.

- Os comitês representam a anarcossindical em seu conjunto. Não possuem opinião própria. Suas manifestações públicas têm que coincidir com os acordos gerais da confederação.

- Todo comitê tem que ser confirmado em outro comício posterior à sua eleição.
- Os membros de partidos políticos não podem ser membros dos comitês.
- Os comitês têm que prestar contas de sua gestão em cada assembleia.

As reuniões dos diferentes comitês (locais, regionais, nacionais) são denominadas **Plenárias** (locais, regionais, nacionais). Nelas não são assinados acordos. São gerenciadas questões técnicas e são desenvolvidos os acordos dos sindicatos e as tarefas que são encomendadas ao comitê.

Exemplos (todos eles discutíveis)

Seu sindicato resolve fazer uma conferência cultural. Encarregam a Secretaria de Imprensa de buscar @ conferencista X. Em conversa com X, a Secretaria de Imprensa marca a conferência para um dia concreto em que esta pessoa possa participar. A gestão está correta, pois não é necessário convocar uma assembleia para decidir uma data quando se desenvolve uma gestão se não foi dito nada contra.

Seu sindicato elabora um plano de segurança e higiene e encarrega a Secretaria de Ação Sindical para coletar informação. A Secretaria de Ação Sindical decide por livre iniciativa entrevistar o Delegado de Segurança e Higiene no Trabalho para solicitar a este organismo documentação sobre o tema. Este é o desenvolvimento de uma gestão encomendada. A secretaria tem iniciativa e capacidade para organizar sua gestão.

Despediram uma companheira. O secretário de jurídica realiza gestões frente à empresa para conseguir sua readmissão, de acordo com o sindicato e a pessoa afetada. A Secretaria de Jurídica não faz mais do que desenvolver uma gestão que está implícita em seu cargo.

O comitê local de seu sindicato propõe à assembleia um novo horário de abertura de local. Errado. Não se deve consentir que nenhum comitê faça propostas como tal comitê – por mais anódinas que sejam – à assembleia do sindicato, que é uma reunião de afiliadas e afiliados.

O comitê local descobre que encarceraram três companheiras que ocupavam um local. À parte das gestões jurídicas e diante da falta de tempo para convocar assembleias, o comitê local **decide** convocar uma manifestação pedindo a liberdade das companheiras, já que elas vão ser transportadas para outro local. A decisão está correta. Um comitê tem capacidade para decidir em casos de extrema, imperiosa e urgente necessidade. Na assembleia seguinte, a afiliação decidirá se a decisão se encaixou nestas condições e se o comitê deve seguir em seu cargo.

Com certeza os exemplos são milhares, e as soluções possíveis que lhes damos aqui não agradarão muitas pessoas, e surgirão outras, tão ou mais válidas quanto as que aqui se oferecem. É complexo em certas ocasiões determinar o que é gestão e o que é decisão. Se surgem as dúvidas e polêmicas – que com absoluta certeza surgirão – sobre se a gestão encomendada está correta ou se a pessoa se excedeu em suas atribuições, para isso existem as assembleias, que são o organismo de decisão da anarcossindical.

As Conferências

São reuniões de militantes ao nível local, regional ou nacional. As pessoas que participam delas não podem assinar acordos. Uma conferência é um lugar aberto à discussão e à exposição de todo tipo de opiniões em geral e serve para que se tenha uma ideia de como pensa a anarcossindical em um momento concreto. Suas discussões são passadas logo aos sindicatos para que sejam estudadas. As conferências têm a vantagem sobre as assembleias de que nelas são escutadas todas as opiniões e tendências, enquanto em uma assembleia pode haver atitudes que fiquem em minoria. **Da conferência participam pessoas que representam a si mesmas ou a outro organismo ou sindicato. Não podem assinar acordos.**

A Federação de Indústria

Todos os sindicatos de um mesmo ramo que existem no território dominado pelo Estado espanhol formam uma Federação Nacional de Indústria. Esta estrutura supera o esquema descrito até agora baseado em sindicatos de ramos e ofícios vários de uma localidade ou comarca, que se coordenam para formar uma federação local ou comarcal, que se unem para formar a regional, as regionais para dar lugar à anarcossindical, e as diferentes anarcossindicais para criar a AIT. Se trata de um esquema baseado na proximidade geográfica.

A federação de indústria se baseia na similaridade do ramo. Todos os sindicatos únicos de ramo do metal, por exemplo, se unem e coordenam ao nível do Estado ou a nível mundial para formar a federação nacional ou mundial de Indústria Siderometalúrgica. A ideia é muito simples. O capitalismo mundial tende a se organizar por meio de multinacionais que dominam um grande número de trabalhadorxs por cima de fronteiras nacionais. Acontece que, se surge um conflito na FASA Renault, na França, a empresa pode mudar sua produção para suas filiais em outros países onde a mão de obra é mais barata e haja menos conflitos sociais. Desta forma, podem resistir por tempo indefinido às pressões de seus/suas empregad@s, fazer-lhes ceder com a ameaça de reestruturações, fechamentos patronais etc. Frente a isto se colocaria a Federação de Indústria Siderometalúrgica, que se ocuparia de dar uma resposta conjunta à empresa por cima das artificiais fronteiras nacionais e não consentiria que outras sucursais da mesma empresa, de outros países ou do mesmo, suprissem a produção da fábrica afetada, ou desencadearia uma greve no setor etc., de acordo com o caso.

Uma federação de indústria se baseia no agrupamento de sindicatos que atuam no mesmo ramo ou indústria. O esquema básico da CNT (sindicato de ramo, federação local-regional, nacional, internacional) se organiza por espaços geográficos. A federação de indústria é um organismo que se organiza com sindicatos do mesmo ramo, por cima de um espaço geográfico.

Uma federação de indústria da CNT tem autonomia para atuar em todos aqueles problemas que lhe são próprios. Nomeia seus representantes e está presente nas reuniões a todos os níveis que as diferentes confederações nacionais e regionais

celebram, com voz mas sem voto.

Na época em que vivemos, as federações de indústria da CNT levam uma existência frustrada por falta de recursos econômicos e humanos. Nossas F.I. não deixam de ser um desejo e na atualidade não temos bem definido como financiá-las, e as que temos existem graças à muita vontade que lhes dedicam as pessoas que as compõem. São denominadas também com o nome mais modesto de **coordenadoras de ramo**.

A imprensa confederal

É tradicional que todos os organismos da anarcossindical tendam a criar suas próprias publicações nas quais expressam nossa forma particular de ver as coisas. A nível nacional, o órgão da CNT é o “CNT”. Não se pode dizer que as pessoas que inventaram o nome foram muito originais, mas já estamos acostumad@s a ele. O CNT funciona de forma autônoma. Em um congresso ou uma plenária nacional de regionais é eleito o endereço e um local de residência que se encarregará de tudo relacionado com o mesmo: distribuição, assinaturas, venda, impressão, recepção de artigos etc. O CNT está sempre aberto ao debate e à expressão de opiniões contrárias e ele se nutre das contribuições dos sindicatos, de pessoas simpatizantes, grupos etc. Seu editorial é redigido pela secretaria geral da CNT. @ diretor/a do CNT participa das reuniões do Comitê Nacional, com voz mas sem voto, e pode ser requerid@ para efeitos informativos pelas diferentes confederações.

O periódico confederal mais antigo é Solidaridad Obrera, órgão da Confederação Regional do Trabalho da Catalunha, fundado em 1907.

A Fundação Anselmo Lorenzo

A FAL é a fundação cultural da CNT. Nela são armazenados seus materiais históricos e arquivos. Ela se encarrega também da edição de livros e atividades culturais. O funcionamento da FAL é autônomo, e seu/sua presidente é também eleit@ na plenária nacional de regionais ou no congresso. Recebe o nome de Anselmo Lorenzo porque ele foi um d@s primeir@s introdutorxs da AIT na Espanha.

A afiliação

À anarcossindical pode pertencer qualquer pessoa que quiser, com a única exceção de policiais, militares, corpos armados e cargos repressivos. Não é necessário ter nenhuma ideologia para participar da CNT. E isto é assim porque a CNT é anarcossindicalista, isto é, é uma estrutura na qual as decisões são tomadas na assembleia, a partir da base. Uma estrutura autônoma, federalista que não depende de partidos políticos, de subsídios estatais, de burocracias profissionais etc. A única coisa que a anarcossindical pede é respeito a estas regras de jogo, e, deste ponto de vista, nela podem conviver pessoas de diferentes opiniões, tendências e ideologias. Ecologistas, pacifistas, membros de partidos políticos... podem entrar na CNT.

Existirão diferentes opiniões, enfoques, formas de ver problemas concretos... O comum, o que une no anarcossindicato, é o seu funcionamento original, sua estrutura antiautoritária.

Do que o sindicalismo revolucionário se defende é de manobras que pretendem convertê-lo em um sindicato que seja usado por partidos políticos, ou em benefício de pessoas concretas, ou da aparição de lideranças, ou do culto à personalidade, ou da criação de estruturas ideológicas fechadas. Por isso são autoexcluídas normalmente as pessoas, sejam anarquistas ou autoritárias. A CNT é uma estrutura aberta, mas a gente deve saber onde se mete e para quê.

V. OS PRINCÍPIOS DO ANARCOSSINDICALISMO

A anarcossindical se baseia em três princípios básicos: a Autogestão, o Federalismo e a Ajuda Mútua.

A Autogestão significa autogoverno. A anarcossindical deseja que as pessoas, as fábricas, os bairros, os povos, as cidades e as demais entidades gestionem seus próprios assuntos sem a intervenção de autoridade alguma.

O Federalismo supõe autonomia e é o nexo que articula a união livre de todos os grupos criados, tanto econômicos quanto humanos. O Federalismo é o princípio básico que rege a estrutura da CNT, que não é outra coisa além de uma confederação de organizações soberanas, não sujeitas a nenhum poder central.

A Ajuda Mútua é vista como um melhor sistema de desenvolvimento, em contraposição à competência existente no sistema capitalista. A Ajuda Mútua supõe ver o mundo como um todo por cima de raças, idiomas e culturas.

Como consequência, o anarcossindicalismo é antiautoritário, anticapitalista, antimilitarista, anticoncentralista, antiteísta, antinacionalista... Ou, se preferir, libertário, comunista, pacifista, laico, internacionalista...

As táticas do anarcossindicalismo

A Ação Direta

A palavra tática” significa atuar no terreno dos casos concretos. A Ação Direta supõe ação sem intermediários, a solução direta dos problemas por parte das partes interessadas. A Ação Direta rechaça portanto a atividade dos parlamentos, dos magistrados, dos comitês, dos governos etc. nos assuntos do povo.

Exemplo

- Você leva um mês em greve pedindo diferentes melhoras no contrato e a não entrada dos planos empresariais de produtividade. A mesma greve com a mesma convocatória pode ser levada adiante por meio da Ação Direta, o que supõe um processo assembleiário de tod@s @s trabalhadorxs e @s representantes que elegem para as diferentes gestões frente à empresa, ou por Ação Mediada, se a greve for convocada pelo comitê de empresa, que negocia sem informar nem pedir opinião da assembleia e com a intervenção da autoridade laboral que pode ditar laudo.

- Te despediram. Ação Direta é quando seu problema é tomado como próprio

pela anarcossindical e por seus/suas companheir@s e são realizadas gestões, conversas, pressões, sabotagens etc. para conseguir sua readmissão. Ação Mediada seria você ir imediatamente a uma assessoria jurídica que cuidasse da demissão na magistratura.

O único tipo de ação aprovado na anarcossindical é a tática de Ação Direta em todos os seus congressos desde 1910. Todavia, para sermos sincer@s, temos que reconhecer que tal como os tempos e as nossas forças estão, recorreremos às vezes a um tipo de ação mediada por meio de nossos gabinetes jurídicos e das magistraturas de trabalho. Sempre tentamos resolver os problemas sem recorrer a advogad@s, o que supõe deixar nossa soberania nas mãos do sistema judicial, alongar processos que obteriam resposta contundente mais rápido e gastar grande quantidade de fundos para manter um sistema legal caro, parasita, pernicioso e inútil. Mas há ocasiões em que, por falta de decisão, de apoio, de gente... não resta alternativa a não ser recorrer a um/a advogad@, ou não fazer nada. Por este motivo, em alguns momentos foi proposto admitir nos acordos dos congressos o uso, à parte da ação direta preferentemente, a ação mediada quando não há alternativa. Não foi assim porque enquanto se mantiver a Ação Direta como tática única assumível pela militância anarcossindicalista manteremos nosso compromisso com ela, e cada vez que atuarmos contra a Ação Direta saberemos que estamos rompendo um acordo. Se admitirmos um tipo de tática contra nossa estrutura e digerirmos o indigerível, é possível que quando tivermos força e gente suficiente para levar adiante nossos pontos de vista sem necessidade de recorrer a normas jurídicas não saibamos vê-lo e por rotina recorramos a tribunais.

A Ação Direta é sempre mais rápida, barata e eficaz que o recurso à mediação. Tem a desvantagem de requerer mais energia e valor para ser levada adiante.

A finalidade da anarcossindical

...Depois deste congresso não será mais pão que reclamaremos. A partir de hoje reclamaremos justiça, reclamaremos equidade. Lutamos com desvantagem, mas afirmo que temos o direito à vida, e para conquistar este direito só nos resta o recurso legal e supremo de nos rebelar. Devemos nos preparar para lutas cruéis. O mundo burguês se arruína por si mesmo. Não precisaremos empurrar muito para derrubar o pilar carcomido que o sustenta. O princípio da autoridade está tão distendido...” (O delegado do governo e as forças da repressão tentam suspender o encontro e provoca um bom conflito.) “...Não pretendo dar espaço para que a autoridade cometa uma lerdeza; mas tenho o dever e o direito de manifestar que o princípio da autoridade está podre até a própria medula. É preciso que nos demos conta do momento atual. Quando o mundo burguês cair, quando toda a escória social injusta e desumana for arruinada para sempre, será necessário mostrar para o mundo que ele foi aniquilado pelo peso de suas próprias falhas. Não somos nada, somos escravos; quando homens e quando

anciãos exprimidos pelo privilégio e pela desigualdade, durante toda a nossa vida de misérias e sofrimentos levamos, até descermos à tumba, o estigma desta sociedade iníqua e cruel. Se faz necessário, então, companheiros, que no dia da liquidação das injustiças o povo derrube os restos do regime decrépito assoprando as cinzas para que ele jamais possa se reconstruir. (Angél Pestaña, no encontro de encerramento do congresso de 1918, em Barcelona)

O anarcossindicalismo quer transformar a sociedade. Quer acabar com o sistema capitalista e com o Estado. Considera que não há direito de umas pessoas imporem sua vontade sobre outras, as roubar e explorar por meio do trabalho e se manterem apoiadas pelo aparato de violência e terror organizado que é o Estado e seu sistema policial. Existe grande quantidade de literatura dedicada à crítica da sociedade capitalista, então não iremos insistir muito neste tema.

Sobre como chegar a esta transformação, a anarcossindical afirma que não existe outro meio além da Revolução Social, isto é, uma mudança brusca pela qual as estruturas autoritárias são derrubadas. É o final de um processo e o começo de um novo. A revolução se produz quando o pensamento coletivo dos povos a vê como necessária, quando as bases morais, éticas, filosóficas e econômicas do sistema entram em bancarrota. Não é um fenômeno predizível, nem realizável por uma minoria, mas que se prepara, chega um momento em que simplesmente é possível, algo a desencadeia, e então ela acontece. O papel da anarcossindical é aumentar as contradições do sistema, esclarecer aos povos a mentira, o engodo, a exploração a que são submetidas pela minoria governante, e estar presente durante o processo revolucionário para iniciá-la se possível, e para evitar, por um lado, que a revolução seja aproveitada por minorias, vanguardas, partidos etc. em seu benefício, e, por outro, para que quando for produzida a contrarrevolução, o povo retroceda o mínimo possível nas conquistas obtidas. A revolução deve acabar com a propriedade, o Estado, o governo, as polícias, o exército, as universidades, as igrejas, os bancos, as indústrias, a mentalidade competitiva e individualista... e estabelecer novas estruturas e formas de vida. A revolução é pensamento, liberdade e desejo em ação. As pessoas que viveram momentos revolucionários os descrevem como uma embriaguez de luzes, sons e alegria. Não é o banho de sangue e violações com que nos ilustra a televisão. A gente se para na rua e conversa, isto acontece sempre e é muito importante. Se fala de tudo, se fala com pessoas de outros idiomas e as entende, porque quer se comunicar. Se fala de coisas sobre as quais nunca se havia refletido e que agora afloram com naturalidade, sem esforço. São realizadas coisas que alguns dias antes teriam sido inconcebíveis... Quem tiver vivido estes instantes em alguma ocasião não os esquecerá jamais.

O italiano levantou a cabeça e se apressou em perguntar:

- Italiano?

Eu neguei em meu espanhol ruim:

- Não, inglês. E você?

- Italiano.

Ao sair, ele cruzou a sala e me esticou energicamente a mão. Que estranho esse afeto que alguém pode sentir por um desconhecido! Era como se o seu espírito e o meu haviam conseguido, momentaneamente, superar o abismo da língua e da tradição e unir-se na maior das intimidades...

Pelo que poderia se julgar, as pessoas pareciam contentes e esperançosas. Por cima de tudo se acreditava na Revolução e no Futuro, se tinha a sensação de haver entrado subitamente em uma era de igualdade e liberdade. Os seres humanos tratavam de comportar-se como seres humanos, e não como engrenagens da máquina capitalista. Nas barbearias havia letreiros anarquistas explicando enfaticamente que os barbeiros haviam deixado de ser escravos. Nas ruas havia cartazes coloridos estimulando as prostitutas a deixarem seu ofício. Para alguém que procedia da zombadora e endurecida civilização inglesa, havia algo quase patético na literalidade com que aqueles espanhóis idealistas interpretavam os gastados lemas da revolução. (George Orwell, Homenagem à Catalunha. 1937)

O ato revolucionário é um ato popular. Ele é realizado pelas pessoas atuais com todos seus defeitos. Existe uma polêmica que dura séculos sobre se a revolução pode ser levada a cabo por seres normais, isto é, machistas, autoritários, violentos como somos mais ou menos nesta sociedade enferma, ou por pessoas mais formadas e que levam em si a forma do funcionamento futuro e que mudaram pela educação ou por outros meios. Em geral, porque opiniões na anarcossindical há tantas quanto há pessoas, na CNT se acredita que a revolução é realizada pela gente de hoje em dia, e que o passo prévio para formar outras pessoas na liberdade e na responsabilidade é a transformação social. O que isto quer dizer é que primeiro se tem que mudar as estruturas sociais, e logo a gente muda. Também acontece que a revolução purifica as pessoas, e ao menos por um tempo até que chega a contrarrevolução, faz com que saia delas o melhor que têm.

Apesar desta ideia, a anarcossindical se esforça por fazer do sindicato a escola do povo, lhe transmitir outras formas de pensamento por meio do debate permanente, e prefigurar a sociedade futura criando aqui e agora uma estrutura similar à que substituirá a sociedade autoritária, e uma nova moral e ética de vida.

O Estado-capital se encarregou ao longo de décadas, com a valiosa ajuda dos sindicatos e dos partidos institucionalizados, de nos inculcar a ideia de que uma revolução não traz mais que desastres, e que, em nossas desenvolvidas civilizações ocidentais, a democracia é o único invento viável. A CNT assegura que a revolução social é a única saída digna, sincera e realista para a espécie humana, que a revolução não é o banho de sangue que nos descrevem nos filmes e nos livros de história. Se trata de um processo que está sendo gerado agora, que chegará, sempre chega, e devemos estar preparad@s para desencadeá-la sem medo, e tacar fogo na fogueira. Se começará por uma greve, por um golpe de Estado, por uma quebra da bolsa, por uma negativa no pagamento de impostos, por uma guerra capitalista, por ocupações de fábricas, por uma invasão de imigrantes... é algo que não podemos saber. O que é certo é que uma CNT ampla e fundida com o povo será sua melhor garantia de triunfo e que não

aconteça como em todas as tentativas anteriores em que o Estado voltou a tomar as rédeas e mudou as aparências para que tudo continuasse igual.

A estrutura que tomará a sociedade uma vez que se realiza a revolução é o que se tem chamado na confederação o **Comunismo Libertário**, o sistema econômico em que cada pessoa tomará da sociedade o que necessita e dará em troca aquilo que puder voluntariamente.

A CNT e o povo espanhol tiveram a oportunidade de desenvolver a revolução mais ampla e formosa da história da humanidade durante o período de guerra social entre 1936 e 1939. Puseram em prática as ideias que temos expressado até agora e demonstraram que uma vida livre e igualitária não depende de nada mais que a vontade. Para o capitalismo foi necessário uma guerra de extermínio para acabar momentaneamente com a Utopia.

VI. AS VOTAÇÕES NA ANARCOSSINDICAL

Na CNT procura-se não votar e chegar a acordos por consenso. Infelizmente, quanto maior o número de pessoas que discutem mais difícil é entrarem em acordo e chega um momento em que se tem que votar.

Na assembleia de sindicato este problema é resolvido com facilidade. Normalmente não se vota porque as pessoas que compõem o sindicato se conhecem diretamente e com o contato cotidiano costumam ter mais ou menos as mesmas ideias, mas se é preciso votar isso é feito por número de presentes, cada um/a com o seu voto.

O problema surge quando as decisões têm que ser tomadas em plenárias locais, regionais ou congressos. Já foi explicado que a estrutura básica da CNT são os sindicatos de ramo, e, se não existem, os de ofícios vários. Pois bem, não há forma justa pela qual as decisões possam ser tomadas em votação.

- Se cada sindicato dispõe de um voto, um sindicato de 1000 afiliad@s dispõe da mesma capacidade de decisão de um de 50. Dois sindicatos de 25 (2 votos) podem impor sua opinião ao de 1000 (1 voto).

- Se se vota por número de afiliad@s, um sindicato de 2000 afiliad@s teria 2000 votos, e 100 sindicatos de 20 afiliad@s disporiam da mesma capacidade de decisão de um só sindicato. A distribuição geográfica de 100 é muito mais ampla que a de 1, e um acordo obriga a tod@s por igual de forma que os sindicatos pequenos têm a mesma responsabilidade que os grandes, mas muito mais dificuldades.

- Encontramos ainda o problema das minorias. Um sindicato que em assembleia, por exemplo, decidisse entrar em greve por 400 votos contra 350 teria que defender a postura de greve, que é o que saiu de sua assembleia. O sindicato B da federação local disse não à greve por 100 contra 25. O sindicato C da federação local diz sim por uma unanimidade de 15 votos. São dois sindicatos a favor da greve e um contra, e portanto a greve seria convocada se fosse um voto por sindicato. Mas somando os votos negativos à greve, totalizariam 450 votos contra a greve 440 a favor.

Para evitar ao máximo possível estas desigualdades, na anarcossindical, quando se deve votar, se emprega um sistema chamado proporcional e que se baseia no número de pessoas que pagam a cotização segundo a seguinte tabela:

De 1 a 50 cotizantes	1 voto
De 51 a 100	2 votos
De 101 a 300	3 votos
De 301 a 600	4 votos
De 601 a 1000	5 votos
De 1001 a 1500	6 votos
De 1501 a 2500	7 votos
De 2501 em diante	8 votos

Este sistema beneficia as minorias, mas segue sendo muito discutível. Por exemplo, dez sindicatos com 25 cotizantes, que somariam 250 cotas, têm 10 votos. Mais que um de 2500, que com 10 vezes mais cotas tem direito a 7 votos. Como vê, é uma bagunça.

O porquê de não se buscar outro sistema, é porque hoje em dia não é necessário. Os acordos são entrados em consenso em discussões que podem parecer absurdas a quem começa na anarcossindical, mas que são sumamente importantes para o sindicato ou regional que as defende. De toda forma, não faria mal que alguém pensasse algo a respeito.

Sempre que há uma votação, deve-se saber que além do que se discute há o problema do poder, e na anarcossindical portanto deve-se procurar votar o mínimo possível e alcançar acordos por consenso. Todas as nossas votações são abertas e com mãos levantadas. Nunca secretas.

As armas do inimigo

Em tempos passados, não faz tanto tempo, no enfrentamento cotidiano da anarcossindical contra o Estado, este empregava a repressão em forma de demissões, detenções, torturas ou simplesmente o assassinato. Hoje em dia o capital variou suas formas e se tornou mais sutil. A violência segue existindo com certeza, de mil formas diferentes, e para exercê-la o Estado dispõe de um caríssimo aparato de terror baseado em suas forças policiais, seu aparato judicial e legislativo, o exército e as prisões. Mas o capital só o emprega quando as coisas começam a escapar de suas mãos. Acha mais cômodo e sensato empregar parte de seus fundos em propaganda, machucando os cérebros da gente com a ideia de que este é um mundo estupendo, que temos muita sorte de ter nascido aqui e não em Ruanda ou na Bósnia e que pensar em revolução ou em mudanças sociais é uma loucura.

O capitalismo democrático institucionaliza os movimentos que lhe opõem. Desta forma, subsidia sindicatos, partidos e associações que se convertem em filiais do mesmo. Lhes marca o terreno e as vias pelas quais devem se mover. Discute-se sobre quem deve mandar mas não se questiona sobre a existência do mandato.

O capitalismo democrático é, ainda, um sistema atraente. Atrai os indivíduos como o mel atrai as moscas. As populações indígenas do Amazonas que sobreviveram

ao genocídio, quando através de lutas e sacrifícios conseguiram com que o governo reconhecesse seus direitos sobre suas terras e que lhes cedesse porcentagens sobre as explorações mineiras de ouro, por exemplo, construíram casas, instalaram parabólicas e assistiram novelas em português. O ideal a que aspiram os povos que o capitalismo mantém assolados por pestes, fome e guerras (para nos lembrarmos do bem que vivemos), é a democracia capitalista, o sistema abaixo do qual aqui padecemos.

Se alguém encara a democracia, o Estado, a empresa e dança ao som que lhe tocam, antes de empregarem a repressão, é possível que usem:

- **A calúnia.** Te atacam com algo com que você tem que se preocupar em demonstrar que não está correto. Podem te acusar de mentiros@, alcoólatra, viciad@ em drogas, aidétic@, violent@...

- **O boato.** O boato tem a vantagem de que ele é jogado e corre sozinho. Não é preciso mostrar a cara. Documentos internos de certos sindicatos o aconselham e descrevem como os nazistas, nos anos 30, descobriram que um boato podia atravessar a Alemanha em três dias. **A anarcossindical não emprega jamais nem a calúnia nem o boato. Esses métodos sobram para as merdas que colaboram com o capital. A luta da CNT é sempre franca e aberta.**

- **A desqualificação.** Acusar-lhe de “não ser representativo”, “não dar alternativas”, “estar arruinando a empresa”, são frases que empregarão para pôr as pessoas contra a anarcossindical. Nossa missão é fazer este ataque voltar, dirigi-lo contra aquele que o envia e demonstrar que tipo de representatividade tem aquele que fala, que alternativas nos dão, e que quem realmente sempre arruína uma empresa é a patronal, por interesse ou incompetência.

O que a anarcossindical pede é uma menor jornada de trabalho, a manutenção do emprego, a defesa dos interesses d@s trabalhadorxs, que os gastos de reconversões recaiam sempre sobre a empresa... Nossa alternativa é a transformação social, a revolução.

Em geral, não caia na armadilha de buscar alternativas capitalistas ao capitalismo. Ou seja, os planos de viabilidade baseados em demissões ou em abertura de novos mercados, deixe que o patronato elabore. Esta gentalha se adapta a tudo que tem a seu redor. Se é um ambiente passivo, jogarão a reconversão e as faturas ao mundo do trabalho. Mas se as pessoas são hostis, buscarão outro tipo de soluções.

- **A compra.** Às vezes, se nenhum dos anteriores dá resultado, se procura tirar a pessoa incômoda do meio, oferecendo-lhe melhores empregos, salários, privilégios... Dependerá cada qual saber qual é seu interesse e o que deve fazer.

- **A repressão.** Em forma de julgamentos, demissões, sanções, multas, perseguições etc., tudo isso apoiado por um emprego impressionante de métodos técnicos, humanos e econômicos: equipes de assessores, psicólogos, meios de comunicação e controle de massas, forças armadas, guardas de segurança, quadros de mandados, sindicatos institucionalizados, partidos políticos... que se encargarão de que as coisas corram pelas vias estabelecidas e que os povos permaneçam na passividade e na ignorância, os principais aliados do Estado-capital.

Nosso arsenal

- A Ação Direta. já se falou dela, e ela é a base de toda a atividade prática da CNT. Frente a um problema concreto, pense em como usá-la sempre em primeiro lugar.

- O boicote. Supõe a intenção de arruinar a atividade comercial de uma empresa, não consumindo seus produtos e evitando que outras pessoas o façam, enquanto a empresa ou organismo não modificar a atitude que motiva o boicote. Por exemplo, se boicota uma marca de cerveja. Não só se trata de que as pessoas não bebam, mas de pressionar os bares para que não vendam esta cerveja, as distribuidoras para que não a comercializem etc.

- A sabotagem. Esta palavra designa um grupo muito amplo de atividades que vão desde a realização de trabalhos de má qualidade à inutilização de máquinas e produtos e a obstrução do trabalho na chegada de matérias primas, na elaboração do produto e em sua distribuição.

- A informação-propaganda. Discussões, conferências, colóquios, assembleias, edição de imprensa, atividades culturais etc.

- A greve. A greve supõe paralisar a produção. Para a CNT, a greve deve sempre ser indefinida e acabar bem quando se obteve o que se pede ou bem quando se chegou ao limite das forças. No desenvolvimento da greve devem intervir só o mundo do trabalho e o capital, sem necessidade de avisos prévios, serviços mínimos ou intervenção do Estado. Este tipo de greve é classificada pelo capital de “selvagem”, e para isso se regulou a greve dentro de vias “domesticadas” para que perca sua efetividade. Uma greve que não cria problemas e que não provoca mais perdas ao capital que as que ocasiona ao mundo do trabalho é absurda. O que hoje em dia se chama pomposamente “direito de comparecer livremente ao trabalho” não é mais que uma mentira. Fazer uma greve significa romper a trégua e declarar abertas as hostilidades. Quem a sustenta e corre os riscos é a pessoa ativa, não o fura-greves. Quem rompe a greve prejudica não só a seus/suas companheir@s, mas também age de forma covarde, pois se beneficiará das melhoras que se conseguir, sem arriscar nem perder nada. É por isso que não são @s piqueteir@s que criam irritações e conflitos, mas os fura-greves.

- A Ajuda Mútua. É o que nos permite aumentar nossas forças em caso de conflito.

- O sindicato. A principal arma da CNT é ela mesma. Sua estrutura antiautoritária, seu processo de tomada de decisões, sua autonomia frente ao Estado, aos partidos políticos e aos grupos religiosos, e sua finalidade transformadora.

- As pessoas. São elas que devem ser a protagonista, sem líderes, vanguardas nem programas de seu próprio destino. Sem gente, sem povo, não haverá transformação social possível.

A violência

...Entretanto, a polícia se deu conta de nossa presença, aparecendo em grande número, mandada pelo inspetor Visedo, que levava um paletó cinza e

uma cartola das mais reluzentes... O inspetor avançou decidido contra nós seguido de seus agentes; mas Castell, que por andar manco utilizava um pesado bastão, o descarregou sobre a cartola do policial, a amassando e o deixando abismado. A polícia se mostrava incansável distribuindo golpes a torto e direito, enquanto nós, os revoltosos, respondíamos com pedradas certas. Dos balcões, os vizinhos arremessavam sobre os viciados de Visedo toda sorte de estranhos projéteis, entre os quais baldes e cuspes, e vozes femininas eram ouvidas incitando os homens contra os inimigos do povo... (Recordações de Pedro Valina do século passado)

O Estado acusa a anarcossindical de ser violenta. Se você encurralar um cachorro, bater nele com um pau e o cachorro te morder, dificilmente poderemos chamar o cachorro de violento. Vivemos em um mundo violento, mas não somos precisamente seus/suas criadorxs. A violência organizada por parte do Estado capital se manifesta de muitas maneiras diferentes. Violência é a contaminação, as mortes no trabalho ou indo até ele, as enfermidades profissionais que são produzidas por falta de segurança, a exploração cotidiana na empresa, a sustentação de forças armadas cuja única missão é o assassinato e o extermínio, a fome que devasta os povos, a dívida externa... Violência é o planejamento sistemático da repressão por parte do governo e o roubo à sociedade.

A anarcossindical se encontra em luta aberta com o Estado, e em todo caso podem acusá-la de levar esta luta às suas últimas consequências e resistir com todos os meios que encontra a seu alcance. Mas a CNT não é violenta, nem partidária da violência nem dessas bobagens. A anarcossindical rechaça energeticamente a violência. Não temos um Estado maior que planeje mortes, nem torturas, nem sequestros, nem atividades repressivas, nem guerras, nem demissões, nem encarceramentos, nem juizados... Quebrar uma máquina, fazer uma greve, não comprar produtos da Nestlé, ajudar outros anarcossindicatos, fazer assembleias... não é violento. Mas se nesta luta franca, sincera e aberta de nossa parte contra o poder e a autoridade alguma paulada leva a uma mordida lamentável... é culpa nossa?

VII. AS PLATAFORMAS BÁSICAS

Reunidas a patronal da construção e os representantes do Sindicato Único da Construção da CNT de Sevilha, concordam: a jornada laboral fica estabelecida em 36 horas semanais... (Contrato coletivo da construção. Sevilha, maio de 1936)

Se perdeu tanto, se esqueceu tanto, que as recomendações gerais que damos a seguir poderão parecer alienação mental. Nossas propostas não partem de outro lugar além do senso comum e levá-las a cabo não depende de mais do que a vontade. E mais, em determinados setores já estão conseguindo algumas. O que é absurdo e criminoso é sustentar um sistema baseado no crescimento contínuo, no consumo, na competitividade, na violência. As propostas da CNT implicam sempre lazer, segurança

e vida em harmonia com o mundo, conseguidas passo a passo. Hoje estamos sofrendo uma das maiores ofensivas do capitalismo, que está buscando transferir sua produção a países do Terceiro Mundo, onde podem explorar a seu bel prazer as pessoas, pagarlhes salários de merda, infligir-lhes castigos corporais, jornadas de trabalho em condições delirantes e humilhações de todo tipo. Querem voltar ao princípio do século XIX. É por isso que estamos assistindo a tantos fechamentos de empresas e elaborações de leis repressoras. Nossa missão é elevar o grau de hostilidade das pessoas comuns a estes planos.

1. Os aumentos lineares dos salários

Na CNT são pedidos sempre aumentos de salários lineares, enquanto os aumentos que outros sindicatos pactuam em contrato são sempre percentuais. Que diferença há entre uma coisa e outra?

A anarcossindical não estabelece diferenças entre os diferentes tipos de trabalho. Tão importante é recolher o lixo quanto trabalhar em um hospital:

- Ambos prestam serviços essenciais à comunidade. A saúde não poderia existir sem o serviço de recolhimento de lixo.

- A medicina é um trabalho muito mais especializado, o que supõe que durante uma série de anos as pessoas que a exercem tiveram que ser mantidas pela comunidade, que é a que paga os edifícios, as faculdades, os laboratórios, os hospitais, etc. Uma pessoa por si só não teria fundos suficientes para pagar os estudos. Portanto, se encontra em dívida com a sociedade. Enquanto @ futur@ médic@ estuda, outr@s de sua mesma idade recolhem merda. A CNT persegue a igualdade dos salários, o salário único, o que levado a seus últimos extremos suporia o desaparecimento do dinheiro. Enquanto chega o dia em que a tocha justiceira da revolução acertará as contas com este mundo, na negociação coletiva calculamos sempre as subidas lineares.

Exemplo

Imaginemos uma clínica com duas trabalhadoras, Pepa, que ganha R\$ 2000 brutos, e Rosa, que ganha R\$ 800. Pepa ganha 2,5 vezes mais que Rosa. Chega a negociação do contrato e conseguem um aumento percentual de 10 %. Pepa, que ganha R\$ 2000, passa a receber R\$ 2200, e Rosa passa para R\$ 880. A diferença salarial é agora de R\$ 1320. Pepa agora ganha 2,6 vezes mais que Rosa. Se a negociação tivesse sido feita pela anarcossindical e se houvesse sido obtido um aumento linear, as contas seriam diferentes. Primeiro se calcularia a massa salarial bruta com todos os salários das empregadas, o que seria $2000 + 800 = \text{R\$ } 2800$. Este dinheiro seria dividido entre o número de empregadas, que, como são duas, sairia R\$ 1400. Agora, os 10 % de aumento obtido na negociação se aplica aos R\$ 1400, o que dá R\$ 140 de aumento médio para as duas pessoas afetadas.

Com isso, a pessoa que ganhava R\$ 2000 recebe agora R\$ 2140 e a de R\$ 800 finaliza o mês com R\$ 940. Agora Pepa ganha 2,2 vezes mais que Rosa. Isto faz com que as duas empregadas tenham o mesmo aumento linear de R\$ 140 e que diminua a diferença percentual entre ambas. Com o tempo, os salários chegariam a igualar-se. Com um aumento percentual de 10 %, uma ganharia R\$ 200 a mais ao mês, e a outra

apenas R\$ 80. As diferenças entre ambas se acentuariam.

Este é apenas um exemplo. Pode-se solicitar aumentos lineares calculados sobre o salário mais alto (aumento linear de R\$ 200 para todas as categorias) e outras modalidades. Ou então aumentos inversamente proporcionais: a pessoa que ganha R\$ 800 recebe R\$ 200 e a de R\$ 2000 recebe R\$ 80 a mais. Que cada qual escolha o que julgar mais oportuno.

A CNT sempre solicita aumentos lineares. Quantidades fixas e iguais para todas as categorias. Se persegue a igualdade de salários. No último extremo, o desaparecimento do dinheiro e do sistema salarial.

Sobre o salário, deve-se procurar com que os aumentos recaiam sempre sobre o salário base e sobre os complementos, já que o salário base é o que serve para calcular pensões e outras prestações. O salário mínimo interprofissional será fixado em R\$ 950, o que facilitará o desaparecimento dos complementos que serão acrescentados ao salário base. Os aumentos anuais serão feitos sempre por cima do IPC e serão cobrados desde o primeiro dia. As pensões serão equiparadas ao salário bruto do último ano de trabalho e em nenhum caso por baixo do salário mínimo interprofissional. Os gastos de farmácia e medicina serão cobertos sem exceções em 100 %. Os impostos deverão recair sobre os lucros das empresas. Não serão empregados em nenhum caso no financiamento de gastos militares, nem de religiões, nem de partidos, nem de sindicatos. Os políticos, parlamentares, governantes, família real e cargos públicos não receberão remuneração alguma por seus supostos serviços. Terão que trabalhar e justificar seus ingressos e gastos. Por último, deixar claro que não são os aumentos de salário o que mais nos interessa. O capitalismo os elimina rapidamente subindo os preços e a inflação.

2. O boicote às horas extras e às tarefas

Uma reivindicação clássica da CNT é a abolição das horas extras e do recebimento por tarefa (cobrar por metros, superfícies, quilos, caixas, metas...) porque:

- Tiram emprego. A anarcossindical quer repartir o trabalho, não que quatro o façam todo. Repartir o trabalho significa eliminar o desemprego e ter uma jornada menor. Fazer horas extras a aumenta.

- A tarefa e a hora extra impedem a obtenção de salários dignos, o que se trata de trabalhar pouco e ganhar mais.

- As horas e tarefas fazem aumentar a produção e os lucros do capitalista muito mais do que retribui às pessoas que emprega. São uma estafa muito maior que o trabalho assalariado.

- O sobre-esforço e a tensão que implicam se traduzem em um maior desgaste, na aparição de enfermidades, no aumento de acidentes laborais e no encurtamento da vida.

Temos que procurar dar o exemplo e não tirar nunca nem horas nem tarefas. Entre trabalhar pouco e dinheiro, a anarcossindical escolhe sempre trabalhar pouco e ter salários dignos. A finalidade última é a abolição do trabalho assalariado.

3. Os boicotes à polivalência, à desafetação, à disponibilidade, à mobilidade...

Todos estes termos não encerram outra coisa além de maior produtividade, maiores lucros para o capital e maior pressão sobre o mundo do trabalho. Devemos nos opor sempre com todos os meios ao nosso alcance postos em marcha a todo plano empresarial que objetive o aumento do rendimento da planilha. Nestes tempos chamados de crise, as empresas, que não obtêm os lucros de há alguns anos, levantam os braços para o céu e juram e perjuram que terão que fechar. Neste sentido, qualquer reivindicação social é acusada de tentativa de arruinar a empresa e a mensagem que se lança é que trabalhadorxs e empresa são a mesma coisa. Mas nunca, jamais, quando há grandes lucros, o capital os reparte entre aqueles que os produzem.

Nossa mensagem é que os problemas da empresa são os problemas dos capitalistas, e se querem solucioná-los, que os arrumem como puderem, mas não a nosso custo. E se não podem, que renunciem, ou que se suicidem. Que se querem lucros, que invistam em tecnologias, em abrir novos mercados ou o que seja, mas que não tentem nos apertar mais do que já fazem.

Evidentemente, nosso desejo é que as pessoas não sejam peças de uma engrenagem, na qual se dedicam a apertar botões ou determinadas porcas de uma cadeia de produção. Mas enquanto as empresas não pertencerem à sua verdadeira dona, que é a gente, ser polivalente, estar disponível etc. não terão outro significado que o de trabalhar mais por menos dinheiro. As explicações que se aplicavam às horas e tarefas são válidas aqui.

4. Jornada laboral, férias, aposentadoria e aspectos relacionados com o tempo de trabalho

O povoado San está confinado em uma zona muito pouco produtiva. O deserto do Calaári no qual sobrevive tem pouca pluviosidade e os anos de seca são abundantes. Os san se agrupam em números entre 10 e 40 ao redor de um charco ou poça na temporada seca. Depois de um dia de caça e coleta, as provisões são juntadas e repartidas entre os membros do grupo. Há muita relação de pessoas de diversos grupos e assíduas visitas entre acampamentos. O tratamento é amistoso e as pessoas viajam com frequência. As zonas de caça-coleta não estão delimitadas e não são defendidas. Ao ter boas relações com os vizinhos, cada grupo tem acesso a zonas muito grandes, o que lhes permite sobreviver em anos de graves secas. Os san consumiam um total de 33 % de carne e 67 % de vegetais, que lhes davam 2140 quilocalorias e 93 gramas de proteínas por dia. A recomendação diária pelo governo dos Estados Unidos é de 1975 quilocalorias e 60 gramas de proteínas por dia. Durante dois ou três dias, os san abandonam o acampamento para buscar comida e passam quatro ou cinco dias conversando, cantando, dançando e, em geral, descansando.

O resultado é que estas pessoas levam uma vida surpreendentemente ociosa e longa e possuem uma dieta muito boa e diversa. Raramente há no

acampamento mais comida que para dois ou três dias, e não precisam se preocupar pela manhã. As pessoas vivem até uma idade avançada, com poucos sintomas de ansiedade ou insegurança. (Wernard Campbell, Ecologia Humana)

Há outras formas de vida que se afastam muito da que nos foi imposta, ainda que seja ao redor de uma poça. O caso d@s san, um dos poucos povos igualitários e sem chefia que existem, exterminad@s pelo progresso e confinad@s em um deserto, é curioso. Com absoluta certeza trabalham menos que @s trabalhadorxs de nossos cinturões industriais. Desde que inventaram as máquinas, @s economistas sabem que não é necessário trabalhar nas jornadas infernais de hoje em dia. Se este anacronismo subsiste é devido exclusivamente ao capitalismo. O capitalismo produz não para satisfazer as necessidades das pessoas, mas para obter lucro. Ao capital interessa um reduzido número de pessoas realizando uma tarefa, ao invés de que ela seja realizada por mais gente trabalhando menos tempo.

Se a jornada de trabalho fosse reduzida, haveria mais emprego, menos desemprego, e menos trabalho. Se além disso a produção buscasse satisfazer as necessidades reais e fizesse desaparecer os empregos inúteis e parasitários, a burocracia, os gastos em artigos de luxo, as indústrias de elite, o armamento destrutivo etc., em um mundo que sofre notáveis carências de alimentos, remédios, roupa, moradia, água potável, hospitais, escolas... os povos viveriam muito melhor que na atualidade. Se tod@s trabalhassem no necessário, o trabalho quase desapareceria e perderia o caráter de martírio que tem. Mas para isso o trabalho tem que deixar de ser regido por critérios de ganância. O que nos leva ao de sempre: a revolução.

Como reivindicação básica, a CNT propõe uma jornada laboral máxima de **35 horas semanais**, 5 dias por 7 horas. Naqueles setores que já a desfrutem, serão exigidas as **30 horas semanais**. (O povo san consideraria esta reivindicação ridícula.) Quanto a férias, pedimos uma permissão anual de **31 dias de trabalho**, sem contar sábados nem domingos. Desta forma, os dias seguidos de descanso seriam 45. Além disso, é possível ir pensando em pedir o **ano sabático**, um ano de descanso para cada quatro. As horas extras, o recebimento por tarefas e o trabalho em mais de um emprego devem ser abolidos. A aposentadoria voluntária será a partir dos 55 anos com **100 %** de salário. Os tempos de lanches, de cafés e de saídas justificadas do trabalho serão considerados como trabalho.

As mulheres terão direito à licença-maternidade a partir do primeiro dia até os dois anos da criança se assim o desejarem, com 100 % do salário independentemente do tempo que tiverem contribuído com a segurança social. Se a mulher deseja se incorporar ao trabalho por algum motivo, a empresa lhe apoiará e pagará os serviços de creche até a idade da escolarização.

Deve-se introduzir nos acordos 6 dias ao ano para falta sem justificativa. Se estes já estão garantidos, aumentar para 10 dias ao ano. Além disso, 15 dias ao ano justificados por motivos familiares, dias por mudança de domicílio etc. O tempo dedicado ao deslocamento do domicílio à empresa será considerado jornada laboral. Os trabalhos penosos, noturnos, insalubres terão compensações especiais em descansos e

férias.

Haverá quem pense que isto é pedir por pedir. Deve ficar bem claro que estas reivindicações não são nada do outro mundo e são perfeitamente realizáveis assim que se deixa de pensar em rentabilidade capitalista e se pensa em rentabilidade social.

5. Direitos sindicais básicos

Os sindicatos e @s trabalhadorxs devem controlar a qualidade do que fabricam. O controle de qualidade sindical significa o direito do sindicato a não legitimar o produto se acreditar que ele é danoso para a sociedade, a saúde física e mental das pessoas, o meio ambiente...

Os contratos serão negociados diretamente pelos sindicatos e pelas assembleias de trabalhadorxs, à margem dos comitês de empresa com poder executivo e eleições sindicais. As seções sindicais terão direito à negociação coletiva, à convocação de assembleias e à liberdade de movimentos, propaganda e afiliação dentro da empresa como mínimo. A CNT rechaça a assinatura de contratos que sejam de eficácia limitada ou de costas para as decisões das assembleias.

6. O desemprego

Se nossa plataforma básica fosse levada adiante, não só desapareceria o desemprego mas também faltaria gente.

VIII. AS REIVINDICAÇÕES SOCIAIS

Desde sua fundação, a anarcossindical se ocupou não somente de aspectos relacionados com o trabalho, como salários, jornada de trabalho etc. Nossos sindicatos sempre tiveram bibliotecas, sustentaram escolas, realizaram atividades culturais e intervieram a favor dos setores marginalizados pela sociedade capitalista. As comissões de defesa econômica da CNT chegaram a convocar greves gerais para pedir a diminuição dos preços dos artigos alimentícios, da roupa e dos aluguéis. Nossos sindicatos boicotaram a construção de prisões... Atualmente, temos acordos sobre:

1. A mulher

María Prat foi a que incendiou as igualadinas, vieram ela, Dolores Iglesias... Especificou muito bem as misérias da fábrica, as crueldades dos encarregados, tudo. E, ao acabar, as mulheres correram para pedir as cadernetas de sindicacão até tal extremo que acabamos as que tínhamos e tivemos que pedir mais. Foi constituído um sindicato fabril de 2600 afiliadas que defenderam seus direitos como leoas. Se atreviam a encarar os capatazes, subiam aos gabinetes, tudo. Os homens estavam mais atentos, como se fossem eles as mulheres. Logo vinha outra greve geral fabril, conseguindo para as mulheres a semana inglesa. Ou seja, festa no sábado à

tarde. Até então tinham um dia a mais de trabalho que o homem... Mas os burgueses da zona igualadora se invocaram tanto que decidiram contra-atacar, provocando um conflito em 1914. Se chamava Cal Mero e tinha uma centena de trabalhadoras, e lhes disseram: “Vocês vão trabalhar no sábado à tarde”. Nós convocamos uma reunião imediatamente. Havia uma pessoa que por dez reais ia com uma trombeta pelo povo convocando as pessoas. As mulheres não aceitaram as condições e o Mero as jogou na rua fechando a fábrica. Decidimos nos solidarizar com elas e lhes passar um jornal durasse e custasse o que fosse. Então toda a burguesia declarou o fechamento patronal. As mulheres vigiaram as fábricas para que não aparecessem fura-greves, e organizaram um sistema de ajuda espetacular e efetivo. Em lugar de dar dinheiro às famílias, compravam sacos de farinha que um padeiro amassava e assava gratuitamente, e de feijão, grão-de-bico, lentilha, arroz. Tínhamos tudo no sindicato, e era um prazer aquelas salas cheirando a pão recém assado. Ali, as mulheres davam a cada um de acordo com suas necessidades. Nos sentíamos irmãos. E a cada terça-feira tocavam em vão as sirenes, e ninguém dava ouvidos aos burgueses quando diziam: “Se você entregar o carnê do sindicato, pode voltar ao trabalho”. Até que tiveram que dizer: “Bom, voltem sem entregar nada” (e sem trabalhar no sábado)... Esta vitória deixou o sindicato com mais força.

As mulheres tinham outro problema: havia encarregados e diretores que as faziam retribuir seus interesses sexuais ou então as obrigavam a passar por mil misérias. Se tentava então exigir sua destituição. Ou a ele aparecia em uma noite um homem com o rosto oculto e em silêncio e lhe dava uma surra que o mantinha 15 dias de cama...

Em outras ocasiões, esta mentalidade (machista) alcançava o mais absurdo ridículo. Então se fazia muito teatro amador... e haviam imposto a regra de que só poderiam atuar homens. Nós, que também tínhamos nossa companhia de amadores, tivemos mocinhas valentes que quiseram subir aos cenários, e vê-las interpretar seus papéis foi uma novidade fantástica... O certo é que nós nisto e em muitas outras coisas levamos a bandeira do progresso. Logo introduzimos as excursões mistas que foram outro êxito... A mulher já teve tantos inimigos... (Joan Ferrer. A Revolta Permanente)

Historicamente, a condição marginalizada da mulher em nossa sociedade tem sido tratada nos congressos da anarcossindical desde 1871 em Saragoça, até 1989 em Bilbao. Naqueles tempos distantes, noss@s companheir@s afirmaram que a mulher é um ser livre, igual em direitos aos homens, que as mulheres deveriam sindicalizar-se e estar presentes nos comitês de gestão dos sindicatos e em quantas comissões se criassem. Era reconhecido que as mulheres lutavam com tanta ou mais energia e coragem que seus companheiros em situações difíceis, e que sua atividade havia sido determinante no triunfo de greves e conflitos. Infelizmente, os pensamentos podem ir mais depressa que a sociedade e a igualdade da mulher em relação ao homem não está alcançada. E mais, em nossos tempos, a igualdade se refere à possibilidade das

mulheres fazerem as mesmas estupidezes, idiotices e crimes que os homens, como ser policiais, militares e executivas.

A mulher sempre trabalhou: durante a revolução industrial nas fábricas, nas minas, no campo. Sempre foi pior remunerada que os homens, com maiores jornadas de trabalho e foi a primeira a ficar desempregada quando os tempos iam mal. Atualmente, mais de três quartos da economia mundial se devem ao trabalho da mulher. Em países africanos, asiáticos, americanos, as mulheres trabalham muito mais que os homens, no campo, nas fábricas, carregando água, lenha, alimentos, à parte dos afazeres domésticos que por si só já são laboriosos, além da maldição de não serem remunerados, e nas em que exercem as funções de criadas-servas-escravas dos homens. Aos homens que não se questionam quanto à transformação social, lhes interessa a perpetuação desta escravidão. Mas isto não deve acontecer dentro dos anarcossindicatos. A CNT baseia suas reivindicações nos seguintes pontos:

- Dentro dos sindicatos, estimular o acesso das mulheres aos cargos de gestão, os debates internos sobre a situação das mulheres na CNT, o cuidado na linguagem sexista tanto falada quanto escrita, e o esforço dos homens e das mulheres para erradicar o machismo da confederação.

- A educação igualitária para que sejam compartilhados os mesmos ensinamentos entre os meninos e as meninas.

- Conscientização sobre o papel do homem no lar e a necessidade de assumir as tarefas domésticas.

- Conscientização no terreno sexual, potenciando e exigindo o acesso a todo tipo de meios contraceptivos.

- Acabar com a utilização da mulher como objeto sexual na prostituição, na publicidade, no cinema, nas revistas...

- Não discriminação no terreno laboral, exigindo a igualdade no acesso aos empregos e salários, impondo pontos nos contratos coletivos que garantam a contratação de mulheres.

- Serviços sociais coletivos (restaurantes, creches, lavanderias gratuitas 24 horas por dia).

- Revogação de todo tipo de lei que discrimine a mulher.

- O aborto livre, gratuito e aceito socialmente. Revogação da lei atual que penaliza suspeitas de aborto. Mas para evitar chegar a ele, abertura de centros de planejamento familiar em todos os bairros, com acesso gratuito a todo tipo de métodos anticoncepcionais, incluindo o aborto.

- Promover o emprego de contraceptivos masculinos: preservativos e vasectomia.

- Planos de educação sexual no ensino. As agressões e crimes contra a mulher na forma de estupros, abusos, assédios sexuais só diminuirão em um clima de liberdades que suprimam as castrações psíquicas e os tabus sexuais aos quais somos submetid@s desde nosso nascimento.

- Um clima de total liberdade sexual e companheirismo só será conseguido com a radical transformação social. Enquanto esta hora chega, devemos prepará-lo com a série anterior de reivindicações básicas e outras que nos ocorrerem.

2. As prisões

Os cárceres e os chamados delitos são consequência desta sociedade, de suas injustiças, repressões e falta de liberdades. O sistema judicial persegue a algumas determinadas pessoas, as quais enterra em vida com o estúpido argumento de que se deve reabilitá-las. Com certeza, o crime organizado passeia com absoluta impunidade para roubar, extorquir, assassinar, sequestrar, tapear, enganar e amedrontar.

Nos referimos aos capitalistas, banqueiros, policiais, militares, juízes, políticos... Esta laia sem escrúpulos é criadora de uma delinquência a qual classificam de “ilegal” para ocultar seus múltiplos crimes contra o mundo e os povos. Os acordos a respeito são:

- Apoio aos presos e presas assumid@s pelos sindicatos da CNT, encarcerad@s por levar a cabo as ações tomadas em acordo na anarcossindical.

- Apoio aos presos e presas libertári@s, ou encarcerad@s por seus ideais como são @s insubmiss@s ao serviço militar.

- Apoio aos presos e presas chamad@s comuns, formad@s por uma sociedade repressora que primeiro cria os cárceres e logo o delinquente.

- A reivindicação permanente de uma anistia total e a eliminação dos antecedentes e destruição dos arquivos policiais.

- Procurar retirar das prisões todas as pessoas possíveis, por quaisquer meios que estejam ao nosso alcance.

- Colaborar com organizações e movimentos que dentro e fora das prisões tentam melhorar a existência nelas.

- Os comitês de jurídica e pró-pres@s coordenarão as atividades de apoio, aos quais são destinados 12 % da cota sindical.

- A ajuda às pessoas encarceradas será estendida às pessoas que dependam delas. Tudo isto até que cheguem os dias em que a picareta demolidora, os sindicatos de construção e o povo em geral apaguem da face da terra essas sequelas que são as prisões.

3. A ecologia

A devastação a que o capitalismo está submetendo o planeta em sua corrida para produzir, consumir, crescer e obter lucratividade para o capitalista o está levando à beira da destruição, e a um ponto do qual será impossível voltar atrás. Efeito estufa, buraco de ozônio, chuva ácida, contaminação, acidentes nucleares, desflorestamento, marés negras, pesticidas, inseticidas, hormônios, fertilizantes, extinção de espécies, fumaças, barulhos, resíduos, aterros... Os acordos a respeito são:

- Difusão de uma consciência de proteção ao meio ambiente.

- Exigência de utilização de meios de depuração total de líquidos, barulhos, fumaças, aromas, gases e águas custeados pelo capital.

- Organização urbana que coloque as indústrias afastadas dos núcleos urbanos.

- Substituição custeada pelo capital dos combustíveis fósseis e contaminantes por energias renováveis e limpas como a eólica e a solar.

- Estudo das reais necessidades da sociedade e eliminação das indústrias,

edifícios, anúncios e sistemas que desperdiçam energia. Produzir menos e repartir melhor.

- Reciclagem de matérias primas por parte das empresas: papel, vidro, alumínio, metais...

- Defesa das zonas naturais, parques, montes, espécies em perigo de extinção... impedindo a construção de estradas, introdução de espécies não autóctonas, redes elétricas, trens de alta velocidade, aeroportos, planos destrutivos dos Estados etc.

- Ajudar e promover os coletivos, grupos, ateneus que atuam no campo ecológico à margem do Estado e da atividade política.

- Todas estas atividades básicas devem ter claro que é o Estado-capital o que degrada e destrói a natureza e que a solução para este problema não é que determinados governos legislem desta ou daquela forma em favor do planeta. As conferências dos Estados, como a do Rio, pretendem unicamente não matar a galinha dos ovos de ouro. A criação de uma sociedade que não desperdice nossos recursos é uma questão dos povos.

4. O antimilitarismo

Temos nos ocupado da guerra. As guerras todas obedecem a rivalidades entre os Estados que os capitalistas formam. Mas companheiros, os povos compreenderam a injustiça criminal que significa esta carniceria humana que se produz pelo capricho do capitalismo e se dispõem a acabar com a guerra levantando-se contra todas estas formas de tirania legal e proclamando a revolução redentora. A guerra deve terminar assim para que o Estado pague suas culpas e morra com a ignomínia do crime, com o estigma da inqualificável injustiça que representa. As leis em que se baseia são leis leoninas, são leis tirânicas. Seu militarismo não pode dar fim à guerra. Esta os operários hão de terminar com seu protesto vigoroso. Não pode ser de outra maneira, porque se a guerra terminasse pelo sindicalismo burguês, se voltaria a produzir, e talvez de forma mais sangrenta e ignominiosa... (Ao chegar aqui, o delegado do governador tentou suspender a reunião organizando uma confusão)

Vou terminar, companheiros, que não sejam minhas palavras a desculpa da autoridade burguesa para suspender o charmoso e transcendental ato que estamos realizando. Se não fizermos a revolução seremos vítimas dos Estados, se não acabamos com a guerra a burguesia batalhará conosco logo em condições de superioridade. Nesta disputa somos beligerantes, somos inimigos de todos os causadores da guerra.

(Fornells, da Federação Local de Barcelona no fechamento do congresso de Barcelona de junho de 1918)

O papel do exército na organização capitalista não é outro além do planejamento do assassinato, a execução em massa, a destruição sistematizada, o aniquilamento da vida... Para isso ele se dota de uma ideologia que converte as pessoas em máquinas

sem vontade que devem executar ordens sem pensar, que devem obedecer o que quer que seja. A anarcossindical tem sido antimilitarista desde o momento de seu nascimento.

A única definição válida do antimilitarismo é a de aquele movimento social que aspira não só à dissolução das instituições militares mas também à eliminação de todos os valores de dominação. O antimilitarismo deve estar presente em nossa relação com os companheiros de trabalho e nas reivindicações sindicais: pedindo a anulação das hierarquias laborais, opondo-se a toda ação autoritária de alguns trabalhadores sobre outros ou dos empresários e de seus representantes, negando-se à utilização de uniformes pseudomilitares, rechaçando o trabalho de corpos de segurança... O militarismo mata a partir do momento exato em que o ministro assina a partida de orçamento dedicado ao exército, porque desvia grandes quantidades de dinheiro que fazem falta em outros campos. Mata porque a maior parte das armas produzidas em países industrializados são usadas como moeda de troca para os países do sul, que mantém conflitos bélicos em troca de matérias primas. E mata os de baixo, nunca os de alto comando nem chefes de Estado. Atenta contra a sociedade civil por meio de ditaduras, boicota as greves empregando fura-greves... (Acordos do 7º Congresso da CNT, Bilbao 1989)

Os acordos a respeito são:

- Não aceitar nenhum serviço militar nem prestação civil substitutiva.
- Negativa de nossas seções sindicais a admitir que objetorxs de consciência trabalhem nas empresas realizando benefício.
- Eliminar todo tipo de exigência de ter cumprido serviço militar para poder trabalhar. (Há organizações como a Anistia Internacional que o pedem em determinados casos.)
- Apoio a tod@s @s insubmiss@s e desertorxs: econômico, jurídico, ocultamento, autoinculpações...
- Denúncia das empresas e ramos relacionados com o militar.
- Animar qualquer modalidade de insubmissão ativa e consciente.
- Campanhas antimilitaristas em geral.
- Não à incorporação da mulher ao exército.
- Levar o antimilitarismo ao trabalho, nos opondo a todo tipo de hierarquias laborais.
- Promover a objeção ao pagamento das partes proporcionais de impostos destinadas a gastos militares e chegar à insubmissão ao pagamento de impostos.
- Frente à guerra, greve geral.
- Como objetivo imediato, o desaparecimento do exército espanhol. No último extremo, a abolição de todo tipo de exército e corpo armado e a eliminação de indústrias e laboratórios de pesquisa relacionados com a fabricação de armamentos. Destruição de todos os arsenais existentes, tanto convencionais como químicos,

bacteriológicos e nucleares.

- Uma sociedade sem militarismo só será alcançada quando desaparecer a causa que a produz, que é a defesa dos interesses do Estado-capital.

5. A homossexualidade

Em matéria sexual, os homossexuais e as lésbicas estão degradad@s pelos conceitos arcaicos de uma sociedade dogmática e submetid@s às diretrizes do poder, humilhad@s como se não fossem seres humanos, porque a natureza não pode ser submetida a esta porcaria de valores a que nos submete a ideologia dominante. De todas as espécies que povoam o mundo (racionais ou não, este é um conceito muito discutível) somos a única que pretendeu regulamentar a sexualidade. Somos a favor da liberdade de cada indivíduo em respeito a sua sexualidade e forma de vida...

- Pela conscientização do direito à própria sexualidade e forma de vida.
- Pela não discriminação em razão das características sexuais de cada indivíduo.
- Contra o sistema que através da administração da justiça segue reprimindo a estes coletivos.

- Pela liberdade sexual. (Acordos do 6º Congresso da CNT. Barcelona, 1983)

6. Os nacionalismos

A anarcossindical é internacionalista, vê o mundo como um todo por cima de diferenças raciais, idiomáticas, culturais etc. Neste sentido, se opõe à opressão que exercem os Estados sobre os povos. Somos contra o Estado espanhol oprimir o povo basco, a favor de que os povos bascos, catalães, tibetanos, curdos... sejam donos de seus destinos, se assentem em territórios mais ou menos delimitados, que não participem da riqueza da sociedade em geral, que se federem como queiram, que se independam dos Estados, mas igualmente nos oporíamos à criação de um Estado basco, palestino, saariano, curdo... com sua polícia, exército, moeda, governo e aparato repressivo.

Nos negamos ao que Estado espanhol tentou por décadas, acabar com os idiomas basco, catalão ou galego, que se vigie, detenha e persiga hoje em dia cidadãos e cidadãs pelo simples fato de pertencer a alguma destas culturas. Mas nos negamos a apoiar o estadismo basco, catalão ou de qualquer tipo. Para que servem os nacionalismos já pode ser visto na antiga Iugoslávia: para organizar guerras, campos de concentração, ações de genocídio, deportações em massa, limpezas étnicas, assassinatos de crianças, destruição de povoados inteiros, tudo isso com a desculpa da Grande Sérvia, da Pátria Croata e demais baboseiras.

Nossa alternativa é o internacionalismo, a Autogestão, o Federalismo. Que os povos possam federar-se como acharem oportuno, sem fronteiras artificiais fixas, com direito a se separar e se unir tantas vezes quanto desejarem, a manter suas culturas e idiomas, a não sofrer discriminação pela cor de sua pele, de seu cabelo ou de seus olhos. Para isso, promovemos a criação de um organismo oposto à organização hierárquica e autoritária do Estado:

O Município Livre, que acolherá a quantas organizações, coletivos,

entidades e grupos que atuem com independência de partidos políticos e organismos estatais e cujas finalidades não sejam restabelecer as estruturas do Estado (e que atuem em oposição a ele). O Município Livre contempla globalmente a ação social e cultural, por base na liberdade, encaminhada a estabelecer relações sociais de igualdade. (Acordos do 6º Congresso da CNT. Barcelona, 1983.)

Sobre os âmbitos geográficos, econômicos, culturais, sociais nos quais atuariam os diferentes municípios livres é algo que se terá que ir fazendo e estudando na caminhada. O verdadeiro Município Livre, a autêntica autonomia e independência, não surgirão a não ser com a desapareição dos Estados.

7. A educação

Desde seus primeiros ditames e congressos, a anarcossindical insistiu na necessidade de que os povos acendam à cultura e saiam da ignorância. Desde o século passado, nossos sindicatos sustentaram escolas tanto para crianças como para adult@s nas quais se ensinava todo tipo de matéria. Pioneir@s como Francisco Ferrer, fundador da Escola Moderna, nos deram orientação pedagógica: ensino misto, meninas e meninos na mesma aula; escolas sem provas, sem prêmios, sem castigos; aprendizado com diapositivos, com globos terrestres... Ferrer buscava em suas escolas pessoas novas, capazes de refletir e compreender com espírito crítico o que acontecia a seu redor, “*capazes de buscar sempre o melhor*”. Francisco Ferrer foi fuzilado em 1909 pelo ódio que atraiu sobre si por todas estas inovações. Em 1939, todo o projeto educativo libertário foi destruído pelo fascismo. Até os dias de hoje, ainda não foram iniciados novos projetos deste tipo na Espanha.

Em 1978, o coletivo Paideia de Mérida (Badajoz) começa a experiência mais importante que existe no campo do aprendizado antiautoritário. Depois de mais de 15 anos, esta e outras iniciativas inovaram o campo pedagógico. Paideia não propõe que as meninas e meninos adquiram conhecimento, que aprendam a ler e escrever, a somar etc. Paideia tenta e consegue com que as meninas e os meninos sejam capazes de viver suas vidas, que sejam responsáveis, livres, segur@s de si mesm@s, que aprendam a falar em assembleia e a resolver ali os seus assuntos, que planejem o que querem aprender e quando querem fazê-lo. Paideia é uma escola sem programas estabelecidos de ensino, que respeita os ritmos e as etapas de amadurecimento da criança, que não a vê como um ser dependente a quem é preciso educar, mas como uma pequena companheira, junto da qual estamos para lhe ajudar a superar as dificuldades quando elas surgirem, se ela precisar. Que promove a cooperação, a compreensão, o desenvolvimento da inteligência e o equilíbrio da personalidade.

Frente à agressividade, a tolerância e a compreensão, e frente à superioridade de uns sobre os outros, a autogestão e a autodeterminação social e coletiva. (Josefa Martín Luengo. Da nossa escola Paideia.)

Já são muitos anos de caminhada solitária, sem nenhum tipo de subsídio das

instituições do Estado. A Paideia cobre o que é hoje a Educação Geral Básica (EGB). Apesar de não ser uma escola reconhecida pelo Ministério da Educação e suas crianças serem obrigadas a prestar um exame de graduação escolar para passar para o Bacharelado Unificado Polivalente (BUP), as crianças passam nas provas oficiais.

Nós nos lembramos sempre da escola como um martírio, um lugar ao qual se ia para perder tempo, para se entediar, para sofrer castigos, silêncio, imobilidade... A escola antiautoritária é um lugar de felicidade. As crianças são felizes, desfrutam destes primeiros anos de vida tão importantes, têm experiências positivas. Haverá quem pense que quando saírem da escola e entrarem em contato com o mundo “normal” não irão se adaptar. É exatamente o contrário. As pessoas que aprendem a se conhecer, a ter plena confiança em si mesmas, que sabem contornar e superar os problemas, não respondem aos problemas impostos por este mundo de maneira complexada, violenta, competitiva, agressiva e irresponsável, que é exatamente o que fazem as pessoas educadas na escola tradicional. A educação libertária está também em um processo permanente de pesquisa e reforma chegando a novas conclusões, porque, por fim, nenhuma escola libertária pode competir com a escola da vida.

Nossos sindicatos devem promover este tipo de experiências e dar seu apoio às já existentes, respeitando sempre sua autonomia, evolução e independência.

8. A religião

Enquanto se mantém nos limites das crenças individuais e das concepções filosóficas, ela é respeitada. Mas como uma organização autoritária que impõe uma moral, apoia o regime capitalista e coage as pessoas com contos de terror ou como grupos econômicos que exploram o povo, as religiões são combatidas com contundência. Na confederação, temos um rechaço especial à religião católica.

9. O esperanto

É recomendado o estudo e a difusão desta simples língua internacional.

10. Outros temas sem acordos vinculantes aos quais existe simpatia

O naturismo: Há uma corrente que valoriza as simples práticas de higiene e a manutenção da saúde, que as diferentes escolas naturistas, higienistas, nudistas etc. promovem.

As drogas: Algumas pessoas promovem sua total legalização para combate ao tráfico de entorpecentes, a adulteração e os preços abusivos. Cada qual deve ser responsável para saber o que e quanto deve consumir, e por que o faz. Por outro lado, o vício em drogas da sociedade é mantido pelo Estado-capital pelos muitos benefícios que obtém dele, o que nos leva ao inimigo de sempre, que é o Estado. Outras pessoas pensam simplesmente que o melhor é não consumir nenhum tipo de droga.

Os carros: Considera-se conveniente sua progressiva substituição por transportes públicos fluídos e gratuitos. Frente à autoestrada e ao automóvel, a estrada de ferro e os transportes coletivos. Os trens de alta velocidade são outro

absurdo do capitalismo. Preferimos melhores redes viárias em geral que unam as populações.

O racismo e a xenofobia: Aqui cabe mais gente, que venha ela toda.

E quase todas as coisas que se pode ser contra neste mundo. Razões para se opor a elas há muitas e de peso. Desde o momento em que decide entrar na anarcossindical, você dá um passo para acelerar a transformação desta sociedade em um mundo mais em condições, sem violência, sem autoridade, sem pecado, sem prêmio, sem castigo.

IX. O ANARQUISMO E O ANARCOSSINDICALISMO

A CNT não é uma organização anarquista. Isto é algo que deve ficar claro. A CNT é um sindicato anarcossindicalista. E ainda que existam muitas semelhanças entre ambas as coisas, há também diferenças. O anarquismo é, por definição, ilegal, nega o Estado e não lhe pede permissão para viver. O anarcossindicalismo se move na legalidade: legaliza suas seções sindicais e suas federações para funcionar com mais comodidade. O anarcossindicalismo vive dentro de maiores contradições. A base do anarquismo é o grupo de afinidade, o grupo de amig@s afins, por cima de ofícios ou espaços geográficos. A base da anarcossindical é o sindicato de ofícios vários ou o sindicato de ramo.

A ação anarquista é teoricamente mais revolucionária que a anarcossindicalista. O anarcossindicalismo busca o imediato, a atividade reformista, se bem que de fora das instituições e baseado em suas próprias forças.

Quando se analisam os procedimentos e o valor da ação sindical, some a distinção entre reformistas e revolucionários. E deve-se concluir que os únicos trabalhadores realmente reformistas somos nós, os anarcossindicalistas. (Emile Pouget. A Obra Presente.)

O anarcossindicato permite a existência em seu interior de várias ideologias: marxistas, cristãs, anarquistas... e só pede que sejam trabalhadorxs. As organizações anarquistas são formadas propriamente apenas por anarquistas. O anarquismo se move mais nos níveis ideológicos, na educação, na propaganda, na formação, na atividade cultural, e também nos sindicatos anarcossindicalistas. O sindicato atua sobretudo nos centros de trabalho.

O anarquismo é mais ideia. O anarcossindicato é mais estrutura. D@s anarquistas se supõe que tenham que ser pessoas melhores que a média social, com maior ética e menor egocentrismo. O anarcossindicalismo não exige de seus membros mais do que que sejam trabalhadorxs e respeitem a estrutura. Não é o anarquismo que dirige o anarcossindicalismo. Este último é o bastante por si só para levar adiante seus projetos. E mais, na Espanha foi precisamente o anarcossindicalismo que em mais de uma ocasião arrastou, dirigiu e empregou por diferentes causas as outras organizações anarquistas que o apoiam.

A atual responsabilidade do anarquismo é enorme pois deve-se enfrentar de corpo limpo o grande colosso capitalista depois do fracasso

humilhante de todas as alternativas que se opuseram a ele. Daí seu empenho os meios sindicais para somar combatentes contra o sistema. A influência dos anarquistas nos sindicatos não vem através de manipulação, nem de concessões, nem de desejo de poder, mas por sua luta e militância esforçada dentro deles. O anarquista é honrado, desprezado, nada egoísta, e está disposto a brincar sempre com o que quer que seja se com isso se dá uma pauta à propagação das ideias. Isto é o anarquismo de combate, e não contemplativo. (Manuel Almedo)

Existem boas relações – fraternas – entre a CNT e as diferentes organizações libertárias de âmbito nacional, que são na Espanha a Federación Anarquista Ibérica (FAI), a Federación Ibérica de Juventudes Libertárias (FIJL) e a Mujeres Libres, e também com ateneus, grupos e individualidades anarquistas. A imensa maioria d@s anarquistas militam por sua vez na CNT e suas organizações apoiam a anarcossindical em geral incondicionalmente.

X. O PANFLETO

Em mais de uma ocasião terá que escrever algum, então não fazem mal algumas recomendações gerais:

- Seja breve. O panfleto diz muitas coisas com poucas palavras. Com isso você economiza dinheiro e tem uma maior garantia de que o que você escreve será lido.

- O panfleto deve conseguir com que, uma vez que a pessoa comece a lê-lo, tenha que terminá-lo, esteja de acordo ou não com o que você diz. Isto é o mais importante e sempre deverá ter isso em mente. Não há coisa mais deprimente que um chão cheio de panfletos que você distribuiu durante um bom tempo, e um bom panfleto nunca se joga fora. Cada vez que fizer algum, tente dá-lo a suas companheiras e companheiros, pedir que o leiam e perguntar se está tedioso, pesado ou desinteressante. Pergunte-se o que você faria se alguém te desse um folheto como o seu e vá corrigindo as sugestões que te fizerem. Com o tempo você pegará a prática.

- Pergunte-se a qual público você está dirigindo o seu panfleto. Não é a mesma coisa falar para um aposentado que a um operário da Ford, que a um jovem que cumpre o serviço militar obrigatório, a uma jornaleira, a uma dona de casa...

- Aquilo sobre o que escreve deve tocar diretamente as energias sensíveis de quem o lê, seja a favor ou contra. Procure sempre o ponto doloroso.

Há muitos recursos para que o panfleto seja divertido, como:

1. O exagero: *Sim. Há algo melhor que o nome de Deus hoje: a Greve Geral. (Emile Pouget 1989)*

2. O senso de humor e a piada: *Os membros do comitê de empresa, internados por uma overdose de torradas com presunto no hospital. As longas horas em que permanecem sem fazer nada lhes levou a um destino muito triste. (anônimo)*

3. O insulto (Por favor, aprenda a insultar bem. Nada de “putas”, “buceta”, “viados” e coisas assim, que são machistas e de mal gosto.): *“A patronal deste país é tão podre e venenosa que cada vez que algum deles lava sua roupa produz um desastre*

ecológico.” (Anônimo)

4. As mudanças de ritmo: *É domingo, por isso têm lugar as sagradas eleições. Naturalmente, não faltam candidatos, que existem de todas as cores e gostos: Uma porca não procuraria ali os seus filhos!* (**Emile Pouget**)

5. As enumerações e repetições:

Seu patrão: Vote e trabalhe, escravo.

A polícia: Vote e circule, idiota.

O padre: Vote e reze, ovelha.

O banqueiro: Vote e pague, cretino.

O militar: Vote e mate, soldado.

O juiz: Vote e vá pra prisão, imbecil.

O político: Vote e espere, idiota.

Votar é um direito e um dever. Votar é uma alegria.

No dia seguinte soa o despertador como todos os dias.

(Anônimo)

6. A poesia: *Antonio da Costa. Seu grande bosta. (Anônimo sobre um diretor de empresa. Isso bastou para amargá-lo durante várias semanas.)*

O panfleto tem que comover, insultar, fazer rir, ser contundente e mandar uma mensagem compreensível a qualquer pessoa. Faça com que o objeto da sua ira se sinta humilhado, ofendido, irritado, deprimido até o ponto de ter uma úlcera de estômago. Consiga com que pessoas se identifiquem com e desfrutem a sua mensagem. Empregue a língua do povo, e seu panfleto terá êxito.

Se quer escrever como Góngora ou Cervantes, ou fazer longas exposições teóricas, está claro que a panfletagem não é para você. Mas escrever bons panfletos é uma arte desvalorizada que está ao alcance de quase qualquer pessoa. O panfleto excita e dá ânimo em uma leitura de alguns minutos. É a palavra escrita em ação.

Governantes, bufões imbecis e investidores. Estes são a companhia Canalha 8. Eu prefiro o sistema de 89 (1789); era melhor. Assim, pelo menos em julho de 89 Bertier era enforcado em um poste e Foullon* era massacrado... Veja o que aconteceria se em 15 dias não houvesse carvão. As indústrias parariam, as grandes cidades não teriam gás, as estradas de ferro cochilariam. De repente, quase todo o povo inteiro estaria repousando. Isto lhe daria tempo para refletir; compreenderia que é sordidamente roubado pelos patrões, sem se preocupar com os problemas: Que retomem seus bens, enfim! E o dia em que, fartos de tanta palhaçada, começarem a luta e o alvoroço for levado a cabo por bons sujeitos, pois então, lhes disse Pere Peinard, o começo do fim haverá chegado. (**Emile Pouget**.** O Pere Peinard 1889)*

(*) Bertier e Foullon, genro e sogro, fizeram uma grande fortuna como agiotas, especulando enquanto o povo francês morria de fome. Seriam algo como os equivalentes de nossos Mariano Rubio e Mario Conde, heróis da juventude dos anos 80. Também eles durante um tempo estiveram na moda. Durante a tomada da Bastilha em 1789, tentaram fugir de Paris, mas @s camponesxs os pegaram e em um momento de ofuscação lhes deram fim. Fazer o quê? Assim é a vida!

(**) Emile Pouget foi o melhor panfletista anarcossindicalista, um operário polivalente e um grande militante que desenvolveu sua atividade no fim do século XIX.